



ECOWAS COMMISSION
COMMISSION DE LA CEDEAO
COMISSÃO DA CEDEAO

Tráfico de mão-de-obra na MAPEO: avaliação dos riscos nas zonas auríferas do Sara-Sahel

Alice Fereday



Resumo

O presente relatório avalia os riscos de exploração humana e de tráfico de mão-de-obra nas zonas de extracção de ouro no norte do Níger e no norte do Mali. Examina as modalidades de recrutamento e emprego, os riscos que representam para os trabalhadores e os factores estruturais que contribuem para a vulnerabilidade dos garimpeiros de ouro. O relatório também identifica as oportunidades-chave que existem os decisores políticos abordarem estes riscos e reconhece simultaneamente o papel crucial da extracção (ou garimpagem) de ouro para os meios de subsistência e a estabilidade locais.

Recomendações

Apoiar os esforços que visam formalizar a extracção de ouro, de modo a permitir que a mineração aurífera artesanal e em pequena escala (MAPEO) seja sustentada a par da mineração industrial, e simultaneamente, prestar garantias aos trabalhadores:

- Incluir normas de trabalho seguras na regulamentação do sector mineiro;
- Ajustar os procedimentos de formalização para apoiar os garimpeiros de ouro independentes e reduzir os riscos de corrupção e clientelismo;
- Promover o diálogo sobre os desafios e oportunidades da MAPEO no Sara-Sahel;
- Investir recursos na implantação de serviços estatais e de segurança nas zonas auríferas.

Apoiar o papel da sociedade civil na redução dos riscos da MAPEO, a par dos esforços nacionais de formalização:

- Aumentar a sensibilização para os riscos de tráfico de mão-de-obra na MAPEO;
- Incentivar e fornecer quadros que facilitem a criação de sindicatos e cooperativas para os garimpeiros de ouro.



OCWAR-T

Crime Organizado: A Resposta da África Ocidental ao Tráfico

Introdução

Desde 2013, a descoberta de depósitos de ouro no norte do Sahel e no centro do Sara e a subsequente expansão repentina da mineração aurífera artesanal e em pequena escala (MAPEO) deram origem a novos desafios e oportunidades para as comunidades locais e para as autoridades locais, nacionais e regionais.

Num contexto em que as opções de subsistência são escassas, a extracção de ouro no Níger e no Mali, é vista como uma oportunidade a não perder pelos jovens desempregados ou com baixos rendimentos, os quais anseiam por uma mudança de sorte. No entanto, a garimpagem de ouro também apresenta riscos e desafios substanciais para as pessoas envolvidas nesta actividade. Um antigo garimpeiro de ouro descreveu a sua experiência em matéria de recrutamento:

Chegámos a Djado ao fim da tarde. Eles descarregaram o carro e começámos a preparar a comida. Começaram a falar um dialecto diferente [...]. Ouvi-os falar de preços, perguntando quanto custava uma coisa ou outra. Perguntei-lhes o que estavam a comprar e a vender: “É equipamento ou somos nós [os garimpeiros de ouro] que estão a vender?” [...] Disseram-me então que tínhamos sido “vendidos”, que tínhamos sido comprados e que devíamos ir para onde nos mandassem. [...] Quando soube que tinha sido comprado, apercebi-me que tudo tinha acabado.¹

Embora não seja representativo das práticas sistemáticas da MAPEO, este testemunho constitui um exemplo revelador de como as experiências no campo da extracção de ouro podem “dar para o torto” nas remotas zonas auríferas do Sara. Avaliar os riscos que os garimpeiros de ouro correm e os factores que os tornam vulneráveis nestes contextos é fundamental para criar uma abordagem diferenciada da MAPEO e garantir que o seu potencial é aproveitado de forma a satisfazer as necessidades dos próprios garimpeiros de ouro.

A MAPEO desempenha actualmente um papel central nas economias políticas e na dinâmica de estabilidade da região. As zonas auríferas têm aliciado um número crescente de intervenientes envolvidos em actividades informais e ilícitas, e algumas delas surgiram como grandes focos de tensão e centros logísticos para as economias ilícitas.² O isolamento geográfico e político de certos sítios de extracção de ouro no Sara e no Sahel central - que permanecem em grande parte fora do alcance das autoridades nacionais, ou onde a presença do Estado é limitada, e a concentração de trabalhadores em zonas pouco povoadas é grande - levaram a que alguns deles surgissem como pontos de ligação para uma infinidade de rotas e actividades criminosas.

Muitas áreas de extracção de ouro estão também localizadas ao longo de rotas históricas de tráfico regional e evoluíram a par de, e com, ligações a várias economias ilícitas, como o tráfico de droga, a introdução clandestina de migrantes, o tráfico de armas e o banditismo - algumas das quais são em grande parte anteriores à corrida ao ouro.³

No entanto, as zonas auríferas são também fundamentais para os meios de subsistência e as economias locais e sumamente importantes para a dinâmica comunitária e política, a nível local e regional. Podem constituir uma “esponja” económica, apresentando opções de subsistência informais aos actores no Sara central, que os afastam do engajamento em formas mais nefastas ou violentas de criminalidade. Ao fazê-lo, as áreas auríferas proporcionam um certo grau de estabilização nas áreas mais amplas em que estão inseridas.

As zonas auríferas têm atraído um número crescente de actores envolvidos em actividades informais e ilícitas, e algumas delas têm emergido como pontos críticos e pólos logísticos das economias ilícitas

A investigação existente tem identificado as ligações entre a extracção de ouro, as economias ilícitas e a dinâmica dos conflitos no Sahel⁴ e na África Ocidental e sublinhou os riscos potenciais de tráfico de seres humanos nas zonas de extracção de ouro na África Ocidental. Por exemplo, os relatórios do Departamento de Estado dos EUA sobre o Tráfico de Pessoas, sublinham repetidamente os riscos de tráfico de seres humanos ligados à extracção de ouro em muitos países da África Ocidental e do Sahel, incluindo o Burkina Faso, a Costa do Marfim, o Gana, a Guiné, o Mali, o Níger e o Senegal.⁵

Porém, a investigação específica relacionada com a dinâmica do tráfico de seres humanos nas zonas auríferas, situadas nas zonas mais inacessíveis do norte do Sahel e do Sara central, é muito mais limitada. Devido ao afastamento de muitos destes locais e à dificuldade de efectuar um trabalho de investigação aplicada no terreno, são escassas as evidências sobre os vínculos entre as zonas auríferas e o tráfico de seres humanos no norte do Níger e do Mali.

Investigações anteriores conduzidas pela Iniciativa Global sobre o Crime Organizado Transnacional (GI-TOC) no Chade sugerem que a falta de regulamentação ou de execução da lei nas zonas auríferas como Kouri Bougoudi, combinada com a posição geográfica dos locais de extracção de ouro e a falta de conhecimento dos potenciais garimpeiros das condições de trabalho nas áreas auríferas, colocam muitos trabalhadores em risco de virem a ser vítimas do tráfico de seres humanos.⁶ Isto é particularmente verídico para aqueles que viajam a crédito, para trabalhar nas zonas auríferas.⁷

Kouri Bougoudi, situado entre o Chade, a Líbia e o Níger, é também um importante centro de actividades ilícitas, como o narcotráfico, o tráfico de armas e o banditismo armado - o que resulta em elevados níveis de criminalidade e violência na zona aurífera.

O presente relatório tem como objectivo melhor compreender se está em jogo uma dinâmica semelhante nas áreas auríferas no norte do Níger e no norte do Mali. Além disso, avalia os riscos para os mineiros adultos de serem vítimas de exploração, mediante o tráfico de mão-de-obra nos locais de extracção. Embora relevante, o presente relatório não examina o tráfico sexual, uma vez que as mulheres - que constituem a maioria das vítimas - estão ausentes dos locais de extracção em estudo. A dinâmica do tráfico sexual está mais associada a cidades mais densamente povoadas, que servem as áreas auríferas ou os centros de processamento de ouro afins. O relatório também não avalia os riscos do trabalho infantil, uma vez que a aplicação das definições internacionais do trabalho infantil aos contextos locais da MAPEO é problemática, como se indica mais adiante.

O presente relatório analisa as modalidades de recrutamento e emprego nos locais de extracção de ouro na região de Gao (N'Tahaka), no Mali, e na região de Agadez (Tchibarakaten e Djado), no Níger, os riscos que representam para os trabalhadores e os factores estruturais que contribuem para a vulnerabilidade ao tráfico de seres humanos e a outras formas de exploração humana. A investigação centra-se na extracção artesanal (garimpagem) de ouro, que representa a maior parte da extracção de ouro nas áreas em foco. Em vez de insinuar que os garimpeiros de ouro são inerentemente criminosos, este enfoque é motivado pelo reconhecimento de que a natureza maioritariamente informal das suas actividades - e, na verdade, os desafios que enfrentam no acesso à formalização - os torna particularmente vulneráveis à exploração humana.

A investigação visa, por conseguinte, fornecer uma análise relevante e oportuna da dinâmica do tráfico de mão-de-obra nos sítios de garimpagem de ouro no norte do Mali e no Níger e dos desafios e oportunidades que representam para as estratégias de estabilização num contexto afectado pela deterioração da segurança e pela incerteza política em toda a região.

Os garimpeiros adultos correm o risco de virem a ser vítimas da exploração humana, mediante o tráfico de mão-de-obra nos locais de extracção de ouro



O relatório identifica igualmente as principais oportunidades que existem para os decisores políticos colaborarem com as comunidades locais, as autoridades nacionais e os intervenientes regionais, na abordagem dos riscos de tráfico de seres humanos nas áreas auríferas do Sara-Sahel e reconhece simultaneamente, o papel crucial da extracção de ouro para os meios de subsistência e a estabilidade locais.

Metodologia

O presente relatório baseia-se em 65 entrevistas semi-estruturadas, realizadas em Tchibarakaten, Djado, Agadez e Niamey no Níger e N'Tahaka no Mali em Julho e Setembro de 2022. Devido a considerações de segurança e acesso, o trabalho de campo foi levado a cabo por investigadores locais, originários das áreas em estudo. As partes interessadas entrevistadas nas áreas auríferas incluíram garimpeiros, patrões (ou “protectores”), titulares de licenças, comerciantes, passadores, líderes comunitários, militares e agentes de segurança, autoridades locais e actores da sociedade civil.

Devido à complexa dinâmica política e da segurança no norte do Mali, o trabalho de campo restringiu-se à zona aurífera de N'Tahaka, na região de Gao. Estas entrevistas foram conduzidas presencialmente pelo *Bureau d'Etudes sur l'Extrémisme Violent et les Conflits Communautaires en Afrique* (Gabinete de Estudos sobre o Extremismo Violento e os Conflitos Comunitários em África, BSECA) e por um investigador local independente. O BSECA realizou entrevistas remotas por telefone com garimpeiros de ouro e intervenientes do sector da segurança em N'Abaw, outra zona aurífera na região de Gao, uma vez que o acesso ao local apresentava riscos de segurança acrescidos.

No Níger, as zonas auríferas de Djado e Tchibarakaten foram seleccionadas devido à sua dimensão e à sua localização em zonas remotas do norte do país, caracterizadas por uma presença limitada do Estado e por uma dinâmica enraizada do crime organizado. As entrevistas no norte do Níger foram conduzidas por investigadores nigerinos com uma longa experiência e conhecimento da extracção de ouro na área, e com capacidade para aceder aos locais e chegar aos grupos-alvo.

O trabalho de campo foi realizado em Tchibarakaten por Rhoumour Ahmet Tchilouta, e em Djado e Agadez, por um investigador local, que deseja manter o anonimato. A presente investigação no terreno deparou-se com alguns constrangimentos, nomeadamente o tempo limitado passado nas áreas auríferas, que restringiu o número de locais a que os investigadores puderam aceder, devido à distância entre eles, e a relutância de certos interlocutores em aceitarem ser entrevistados, em virtude da natureza sensível das questões de investigação.

A recolha de dados em Niamey foi também efectuada pelo *Mouvement des Jeunes pour le Développement et l'Éducation Citoyenne* (Movimento dos Jovens para o Desenvolvimento e a Educação Cívica, MOJEDEC) no Níger, que é membro da Rede de Investigação sobre a Criminalidade Organizada da África Ocidental (WARNOC, na sigla inglesa), no âmbito do projecto Crime Organizado: Resposta da África Ocidental ao Projecto Relativo ao Tráfico. O MOJEDEC entrevistou organizações da sociedade civil, actores institucionais e agências governamentais e participou num exercício de validação de dados.

O trabalho de campo foi complementado por entrevistas à distância semi-estruturadas e informais a investigadores e peritos internacionais e a profissionais locais do sector do ouro.

A investigação também se baseia numa revisão exaustiva da literatura, incluindo literatura académica e outra, bem como a própria investigação da GI-TOC, realizada desde 2017 sobre questões de garimpagem de ouro no Sara-Sahel. O trabalho de investigação envolveu, ainda, a recolha de dados de fonte aberta e a análise dos meios de comunicação social em inglês e francês.

No início de 2012, o Mali entrou um período de crise quando uma coligação de grupos armados rebeldes e grupos armados jihadistas se apoderaram de vastas zonas do norte do Mali

Por último, o relatório baseia-se em análises e perspectivas partilhadas durante um workshop de validação da investigação, realizado em Lagos, em Dezembro de 2022, que reuniu uma série de especialistas locais, regionais e internacionais, académicos e organizações da sociedade civil, bem como os investigadores que levaram a cabo o trabalho de campo. Esta iniciativa proporcionou uma oportunidade para se avaliar e discutir as conclusões preliminares, identificar lacunas na investigação e formular, colectivamente, recomendações.

A evolução da extracção artesanal de ouro e as suas ligações ao crime organizado e à violência no Sara Central

Contexto regional

Nos últimos 10 anos, toda a faixa Saro-Saheliana viveu uma corrida ao ouro sem precedentes. A extracção de ouro começou a sério em 2012, com as primeiras descobertas no Sudão em 2009, seguidas de descobertas no Chade entre 2013 e 2016, no Níger e na Argélia em 2014 e no Mali e na Mauritânia em 2016.⁸ Os fluxos transfronteiriços de garimpeiros de ouro, incluindo sudaneses, chadianos e burquinenses, no norte do Sahel e no centro do Sara, foram fundamentais para facilitar a expansão da extracção artesanal de ouro, fornecendo assim um conjunto constante de trabalhadores e garimpeiros experientes às zonas auríferas.⁹

Tendo em conta os complexos desafios políticos, económicos e de segurança da região, a descoberta de ouro assinalou uma oportunidade importante em termos de desenvolvimento. No entanto, a incapacidade de formalizar eficazmente o sector da extracção artesanal de ouro de uma forma que beneficie os mineiros e as comunidades locais subverteu todo o seu potencial como propulsor económico do desenvolvimento da região.

No mesmo período, a presença crescente do extremismo violento em toda a região colocou desafios políticos e de segurança significativos aos Estados do Sahel. No início de 2012, o Mali entrou num período de crise quando uma coligação de grupos armados rebeldes e jihadistas se apoderou de vastas áreas do norte do Mali. Embora os grupos jihadistas tenham sido posteriormente desalojados pela operação militar francesa Serval, o conflito e a instabilidade persistem devido a dificuldades na aplicação do acordo de paz de 2015, à concorrência permanente entre os principais detentores do poder e os grupos armados e a um aumento acentuado do extremismo violento.

O transporte de migrantes tinha sido uma actividade importante para um grande número de motoristas na região de Agadez e era tolerado pelas autoridades

Vista de um local de extracção de ouro na zona aurífera de Djado, Níger, Junho de 2022



Os grupos extremistas violentos também se espalharam pelas regiões vizinhas do Níger, que se tornou uma zona de trânsito de combatentes e armas, entre o Mali e a Líbia. A eclosão da guerra civil na Líbia, na sequência da revolta de 2011, colocou desafios de segurança adicionais à região do Sahel, em virtude da natureza porosa das fronteiras meridionais do país, que permitiu a entrada de combatentes e armas na região do Sahel-Magrebe.

Esta dinâmica, por sua vez, moldou uma nova era para a criminalidade organizada no Sahel, gerando oportunidades para que as economias ilícitas e os grupos criminosos se consolidassem e se diversificassem. Na sequência dos conflitos na Líbia (2011) e no Mali (2012), as reservas de armas do antigo regime líbio chegaram aos países vizinhos, alimentando a violência armada em toda a região e reforçando a capacidade operacional dos grupos de criminosos.¹⁰

Em meados da década de 2010, os esforços envidados pelos militares e pelos responsáveis pela aplicação da lei - em especial no âmbito da Operação Serval e a sua sucessora, a Operação Barkhane, lançada em 2014 - fizeram descarrilar e deslocaram certas actividades de introdução clandestina de migrantes e tráfico de seres humanos.¹¹ A criminalidade organizada foi também afectada por acontecimentos locais, incluindo o aumento do banditismo armado - que perturbou as rotas do narcotráfico de elevado valor através do Mali, do Níger, da Líbia e do Chade - e a inversão dos fluxos de armas, devido ao recrudescimento do conflito na Líbia em 2014.¹²

Contudo, enquanto a dinâmica da criminalidade organizada se adaptou à evolução dos contextos políticos e de segurança na região, as economias formais - e algumas informais - lutaram para sobreviver.

No norte do Níger, a guerra civil na Líbia e a instabilidade que se seguiu, reduziram o fluxo comercial lícito entre Agadez e a Líbia, privando assim a região de uma fonte fundamental de subsistência. A insegurança crescente e o extremismo violento também perturbaram o turismo no Sara, que até 2007 constituía uma fonte de emprego crucial no Níger.¹³ O transporte de migrantes era uma actividade importante para um grande número de motoristas na região de Agadez e era tolerado pelas autoridades. A sua criminalização em 2015 agravou os níveis de desemprego e empurrou muitos antigos motoristas para actividades ilícitas e para a garimpagem de ouro.¹⁴

A produção de urânio do Níger (a quinta maior do mundo) foi gravemente afectada pela queda dos preços a nível mundial, na sequência do desastre nuclear de Fukushima em 2011.¹⁵ O desenvolvimento da mina de Imouraren, propriedade do grupo francês Orano (antigo Areva), que deveria ter gerado receitas e empregos adicionais, tem sido repetidamente adiado desde 2014.¹⁶ Várias minas de urânio na região de Agadez também foram encerradas desde 2014, incluindo Somina (2014) e Cominak (2021), deixando assim centenas de pessoas sem emprego.¹⁷

As descobertas de ouro no Mali deram início a uma nova dinâmica económica nas zonas mineiras, proporcionando alternativas à actividade criminosa

No norte do Mali, a instabilidade persistente desde a rebelião de 2012, tem alimentado e sido alimentada por economias ilícitas e pela dinâmica do crime organizado, cujo desenvolvimento está há muito entrelaçado com a história política do Mali.¹⁸ Apesar do acordo de paz de 2015, a concorrência pelas principais rotas e centros de tráfico no norte do Mali continuou a desencadear conflitos entre os grupos armados signatários e a incentivar alianças entre eles.

No centro do Mali, os grupos jihadistas, como o Jama'at Nusrat al-Islam wa al-Muslimeen (JNIM), a Província do Estado Islâmico no Sahel (EI Sahel), e as milícias de autodefesa que se mobilizaram contra eles desde 2016 - como o Dan Na Ambassagou - também participaram em várias

Uma combinação de instabilidade, crime organizado e grupos armados permitiu que novos mercados criminosos se desenvolvessem em toda a região

formas de criminalidade organizada, incluindo o tráfico de armas, as chamadas extorsões mediante protecção e o rapto em troca de resgate.¹⁹

Esta combinação de instabilidade, armas e grupos armados permitiu, por sua vez, o desenvolvimento de novos mercados criminais. O roubo de gado, por exemplo, tornou-se um importante mercado criminoso no norte e centro do Mali.²⁰ Para além de perturbar os meios de subsistência locais cruciais, este fenómeno exacerbou as tensões existentes no seio das comunidades e entre elas. Embora uma série de actores se dedique ao roubo de gado, incluindo os grupos armados e os bandidos, os grupos jihadistas têm-no utilizado intencionalmente para explorar queixas em seu benefício estratégico.²¹

Na altura em que se desencadeou a corrida ao ouro, a variabilidade climática e a seca severa tiveram efeitos adversos na agricultura e na pastorícia em toda a região, enfraquecendo outro sector crucial²² para o emprego, e o desemprego juvenil, que na mesma altura, também registou níveis persistentes. Em suma, a economia regional enfrentou desafios consideráveis.

Neste contexto, o *boom* da extracção artesanal de ouro no Sahara-Sahel contribuiu para relançar as economias informais locais, criando oportunidades de negócio formais auxiliares em torno das zonas de extracção de ouro e redefinindo a dinâmica sociopolítica. A descoberta de ouro provocou uma corrida de garimpeiros dos Estados do Sahel e da África subsariana, incluindo nigerianos, chadianos, nigerinos, burquinenses, malianos e sudaneses com experiência na extracção de ouro.

Os comerciantes também se dirigiram para os locais de extracção do ouro para satisfazer a procura crescente de alimentos, água, combustível, carvão, ferramentas, veículos e materiais.²³ A criação de centros de transformação do ouro constituiu outra fonte significativa de emprego. Incluídas nas outras actividades lícitas ancilares das minas de ouro e dos centros de transformação, temos os restaurantes, o alojamento, as oficinas mecânicas e de reparação, os centros de saúde e outros serviços.

Os mercados ilícitos também floresceram, dando resposta, nalgumas zonas, a uma procura de medicamentos ilícitos (nomeadamente, Tramadol), estupefacientes e armas. O afluxo de uma população de garimpeiros, numerosa e exclusivamente masculina, desencadeou uma procura de trabalho sexual em algumas cidades próximas ou que albergam centros de processamento do ouro (Chirfa, Arlit, Tabelot).

No norte do Níger, os bandidos armados têm como alvo predilecto as caravanas de ouro, o que preocupa os actores da mineração de ouro



De acordo com o Ministério dos Recursos Minerais nigerino, o Níger tinha mais de 230 locais de extracção de ouro em 2017, os quais empregavam mais de 800 000 pessoas (11% da população activa) e apoiavam, quer directa ou indirectamente, quase 20% da população nigerina.²⁴ A extracção de ouro em grande escala representa apenas uma proporção muito pequena destas actividades, sendo que existe apenas uma mina industrial localizada na região de Tillabéri, que é explorada pela Liptako Mining Company (Société Minière du Liptako).²⁵

O resto consta de MAPEO, incluindo operações artesanais e semi-mecanizadas, as quais representam 79%-89% de toda a extracção de ouro no Níger, de acordo com algumas estimativas.²⁶ Contudo, é difícil estimar o número de locais de garimpo de ouro no Níger, uma vez que uma proporção significativa, tanto no norte, como no sudoeste, é informal. Em Tchibarakaten, a maioria dos operadores que actuam na mineração de ouro são autorizados a fazê-lo pelo Ministério dos Recursos Minerais.²⁷ No entanto, em Djado, a maioria dos garimpeiros opera informalmente, sem autorizações.²⁸

O Mali é o quarto maior produtor de ouro em África.²⁹ A extracção de ouro nas regiões meridionais de Kayes, Sikasso e Koulikoro é muito anterior à descoberta de depósitos no norte, e conta com a participação de sociedades mineiras de dimensão industrial - muitas delas estrangeiras - e garimpeiros de ouro. Nestas

regiões, a extracção de ouro é sobretudo formal e decorre em grande parte sob a alçada do governo, mas são frequentes as tensões e os conflitos no seio das comunidades mineiras e entre estas e as sociedades mineiras.³⁰ Nas regiões de Kidal e Gao, contudo, a maior parte da extracção de ouro é artesanal e informal, sendo que com uma pequena quantidade da extracção de ouro é de natureza semi-mecanizada.

As descobertas de ouro no Mali deram origem a uma nova dinâmica económica nas zonas de mineração, proporcionando alternativas à actividade criminal.³¹ É impossível obter dados exactos sobre as pessoas empregadas nos sítios de mineração de ouro, mas algumas estimativas apontam para um número total de 700 000 garimpeiros no Mali.³² O ouro também impulsionou o desenvolvimento da região, provocando um aumento notável do comércio, das actividades de transporte e da construção de habitações.³³

O ouro, os conflitos e a insegurança

Ainda que a descoberta de ouro tenha criado oportunidades económicas positivas, também levantou desafios de segurança significativos nas regiões desérticas periféricas que, historicamente, têm estado fora do alcance dos agentes responsáveis pela execução da lei. Os Estados têm uma presença limitada nestas áreas complexas e não dispõem de recursos humanos e técnicos suficientes para superintender uma actividade informal tão florescente.³⁴ As autoridades nacionais também não possuem, normalmente, vontade política para regular eficazmente a extracção de ouro e adoptam estratégias clientelistas que beneficiam as elites locais.³⁵

Na ausência de mecanismos eficazes de governação e regulação, as tensões entre as comunidades locais e os mineiros estrangeiros têm alimentado as queixas políticas e comunitárias, bem como os conflitos violentos entre os mineiros que competem pelo acesso às minas, ao equipamento e aos recursos.³⁶

A dinâmica comunitária subjacente entre grupos pode também levar a uma escalada rápida dos conflitos, como aconteceu em Kouri Bougoudi em Maio de 2022, quando confrontos mortais entre duas comunidades resultaram na evacuação e no encerramento da zona aurífera.³⁷

Em toda a região, têm-se registado surtos de violência nalguns locais de extracção de ouro.³⁸ No norte do Mali, as comunidades pastoris locais têm estado envolvidas em tais tensões por causa do impacto devastador sobre o gado dos produtos químicos usados na transformação do ouro, incluindo o cianeto e o mercúrio, e à destruição parcial das áreas de pastagem pelas actividades de mineração. Em N'Tahaka, por exemplo, e devido pastores foram privados de uma área com mais de 10 quilómetros de largura, quando a garimpagem de ouro se estendeu. Um garimpeiro descreveu o impacto local:



Os abrigos dos garimpeiros são incendiados num escalada de violência intercomunitária em Kouri Bougoudi, Tchad, Maio de 2022

Esta zona é uma zona de pastagem e desde o início da exploração mineira do sítio, já destruímos vários quilómetros e, por diversas vezes, os mineiros têm provocado queimadas, que às vezes chegam a devastar áreas de até 30 quilómetros e destroem a pastagem. É uma catástrofe para os criadores de animais.³⁹

No entanto, cabe notar que o nível de violência registado nos conflitos relacionados com a mineração de ouro no Mali não é comparável com o do Chade. Além do mais, a extracção de ouro no norte do Mali também permitiu, por vezes, uma aproximação entre grupos armados signatários que, de outro modo, estariam em conflito.⁴⁰

Contudo, o contexto mais amplo de instabilidade regional permitiu a proliferação de agentes criminosos em torno das zonas de extracção de ouro, que frequentemente se tornam pólos logísticos para as actividades de tráfico. À medida que as zonas auríferas foram surgindo como nexos entre as rotas e os agentes criminosos, aumentou também a rentabilidade das operações de banditismo, que anteriormente visavam sobretudo as caravanas da droga de elevado valor. Embora o banditismo na região não constitua uma situação nova, os garimpeiros de ouro tornaram-se alvos cada vez mais importantes desde 2014, devido ao potencial altamente lucrativo dos carregamentos de ouro.⁴¹

Tais ataques têm também vindo a aumentar, num contexto mais alargado da escalada do banditismo no norte do Níger, que envolve tanto bandidos nigerinos como grupos chadianos. O banditismo aumentou após a criminalização da introdução clandestina de migrantes em 2015, e a consequente contracção económica local, que levou alguns habitantes locais a juntarem-se a grupos criminosos.⁴² Outro aumento foi desencadeado pelo cessar-fogo de Outubro de 2020 na guerra da Líbia, que privou muitos combatentes chadianos, contratados como mercenários, de uma fonte de rendimento fundamental.⁴³

Desde meados de 2022, os ataques a comboios de ouro no norte do Níger, têm-se tornado uma preocupação significativa para os intervenientes envolvidos na extracção de ouro. Um exemplo digno de nota ocorreu em Janeiro de 2022, quando bandidos armados atacaram um comboio da Guarda Nacional, que escoltava um carregamento de ouro entre Djado e Agadez. Foram roubados, alegadamente, 122 quilogramas de ouro, no valor de cerca de três mil milhões de FCFA (€4,5 milhões).⁴⁴ Este tipo de ataques também parece estar em plano ascendente perto de Tchibarakaten.⁴⁵

O aumento do banditismo desencadeou, por sua vez, a mobilização de grupos armados de autodefesa. Estes não são um fenómeno novo nas imediações das zonas auríferas da região, sendo exemplo notável no norte do Chade, o *Comité d'Autodéfense de Miski* (Comité de Autodefesa de Miski), e no Burkina Faso, os grupos Dozo e Koglwéogo.⁴⁶ Em 2022, surgiu uma dinâmica semelhante perto de Arlit, no Níger, onde grupos locais formaram um grupo de autodefesa para fazer face aos bandidos.⁴⁷

Após a descoberta, em 2016, de jazidas de ouro no Mali, as áreas auríferas nas regiões de Kidal e Gao foram imediatamente visadas por grupos armados, que se aperceberam duma potencial forma de arrecadarem uma “tributação” lucrativa. Tal gerou fluxos de receitas significativos, tanto para os grupos armados signatários, como para os grupos extremistas violentos. O garimpo de ouro no norte do Mali é também um potencial campo de recrutamento para grupos extremistas violentos.⁴⁸ Onde a extracção de ouro depende do uso de explosivos, os locais de mineração podem, ainda, constituir uma fonte de “matérias-primas” para esses grupos armados.⁴⁹

À semelhança da maioria dos outros países da região, os governos do Sahel - incluindo o Níger, o Chade e o Burkina Faso - reagiram a estas crescentes ameaças à segurança com medidas repressivas contra a extracção artesanal de ouro. Apesar de, nalguns casos, ser motivada por preocupações legítimas, esta abordagem de linha dura tem sido tipicamente contraproducente. Ao privar as comunidades de meios de subsistência essenciais num contexto em que as oportunidades económicas alternativas são escassas, as

medidas repressivas têm alimentado a alienação e o ressentimento, em particular entre as comunidades transfronteiriças marginalizadas - o que, por sua vez, incentiva a rebelião armada.⁵⁰

Os efeitos negativos da repressão nas zonas auríferas, agravados pelo desenvolvimento contínuo de economias ilícitas e do crime organizado nas zonas de extracção de ouro, têm suscitado sugestões de que os Estados deveriam formalizar a garimpagem de ouro, em vez de a criminalizarem. Para além de os benefícios da extracção de ouro como “esponja” económica, que oferece opções de subsistência às comunidades e uma alternativa às actividades ilícitas ou à integração em grupos armados, a formalização e a regulamentação da extracção artesanal de ouro podiam gerar oportunidades para os próprios governos.⁵¹ Estas incluem oportunidades de angariação de receitas – na forma do pagamento de impostos - e pontos de entrada para reforçar a presença e a legitimidade do Estado em zonas que, de outro modo, estariam isoladas.⁵² A formalização podia também representar um passo fundamental na abordagem dos riscos de tráfico de seres humanos associados à mineração de ouro.⁵³

Análises existentes sobre o tráfico de seres humanos nas zonas auríferas do Chade

Embora os relatórios sobre a dinâmica do tráfico de seres humanos nas zonas de extracção de ouro da África Ocidental - tanto industrial como artesanal - forneçam algumas informações respeitantes ao seu impacto sobre a dinâmica do tráfico sexual,⁵⁴ subsistem importantes lacunas de conhecimento. As evidências também são anteriores à recente corrida ao ouro no Sahel-Sahara.

O trabalho infantil, em particular, tem sido apontado como sendo generalizado nas regiões de extracção de ouro. Em 2011, a Human Rights Watch avaliou que entre 20 000 e 40 000 crianças estavam a trabalhar em zonas auríferas, no sul do Mali.⁵⁵ Em 2022, o Painel de Peritos sobre o Mali (ONU), estimou que um terço das pessoas que trabalham nas zonas auríferas são menores - normalmente empregues para desempenhar tarefas perigosas, como entrar em poços de mina profundos e estreitos.⁵⁶

Porém, as definições internacionais de “trabalho infantil”, estão em grande parte em dissonância com as concepções locais, onde os adolescentes e mesmo os pré-adolescentes com mais de 12 anos de idade, não são considerados crianças. O emprego de menores na agricultura e na pecuária com grande intensidade de mão-de-obra, é também generalizado, comumente aceite e, muitas vezes, uma fonte de rendimento necessária para as famílias.⁵⁷ Embora os riscos de exploração do trabalho infantil não devam, de forma alguma, ser ignorados, as avaliações existentes do trabalho infantil na MAPEO da região, podem ser vistas como desvinculadas dos contextos locais.⁵⁸

No norte do Níger, os bandidos armados têm como alvo predilecto as caravanas de ouro, o que preocupa os actores da mineração de ouro

As notícias existentes sobre o tráfico de mão-de-obra adulta na África Ocidental concentram-se nas actividades de extracção de ouro que têm lugar perto de zonas urbanas ou em zonas com uma presença estatal estabelecida.⁵⁹ Os riscos de tráfico de mão-de-obra e de exploração humana nas zonas auríferas remotas do Sara, e nas áreas fora do alcance das autoridades nacionais, têm recebido menos atenção. Porém, a investigação existente, inerente às áreas auríferas do norte do Chade, pode constituir uma base importante para a compreensão da dinâmica nas zonas de extracção de ouro que são geográfica e politicamente isoladas.

A investigação da GI-TOC actualmente em curso, tem sublinhado tendências claras no tráfico de seres humanos no Chade, onde a dinâmica está intimamente ligada ao modelo económico das zonas auríferas, o qual depende de mão-de-obra barata.⁶⁰ Em Kouri Bougoudi - a maior jazida de ouro do norte do Chade, e também um importante pólo regional de grupos armados poli-criminosos⁶¹ - um número crescente de jovens chadianos, sobretudo do sul, é recrutado para a garimpagem de ouro.⁶²

*Garimpeiro
de ouro em
Djado, Níger,
Junho de 2022*



Muitos passadores de migrantes têm assumido o papel de recrutadores em todo o país, oferecendo aos mineiros em potencial a opção de viajarem a crédito. Ao apresentarem a garimpagem de ouro como uma oportunidade única de ganhar dinheiro facilmente e ao enganarem os jovens - fazendo-os pensar que a viagem é gratuita - os passadores conseguem aliciar os trabalhadores a assinarem acordos de trabalho em regime de servidão.⁶³ Os passadores são depois recompensados pelos proprietários dos locais de extracção de ouro, os quais empregam os mineiros em condições que impõem o reembolso dos custos de recrutamento, antes de puderem começar a ser remunerados.

Estes acordos laborais transformam-se frequentemente em formas de exploração humana adicionais, uma vez que os proprietários dos sítios de garimpagem intercambiam entre si os garimpeiros. Por outro lado, estes não são livres de porem termo à sua relação de trabalho nos garimpos, e as suas tentativas de fuga expõem-nos a riscos de violência e represálias por parte dos seus empregadores.⁶⁴

Estas práticas também ilustram as linhas ténues entre a circulação legítima no Chade, a introdução clandestina de migrantes e o tráfico de seres humanos. Ainda que os migrantes façam a viagem de livre vontade, muitas vezes fazem-no sem conhecimento das condições de trabalho nas zonas auríferas.⁶⁵ Muitas zonas da área aurífera de Kouri Bougoudi estão fora do alcance das autoridades e das forças de segurança chadianas e, embora existam mecanismos tradicionais para regulamentar as actividades de extracção do ouro e as relações entre os mineiros de ouro, estas estruturas não parecem ser capazes ou estar dispostas a lidar com a exploração ou abuso dos trabalhadores. Devido ao afastamento geográfico, os trabalhadores que se encontram nestas situações, dispõem normalmente de recursos limitados para obterem reparação ou fugirem.

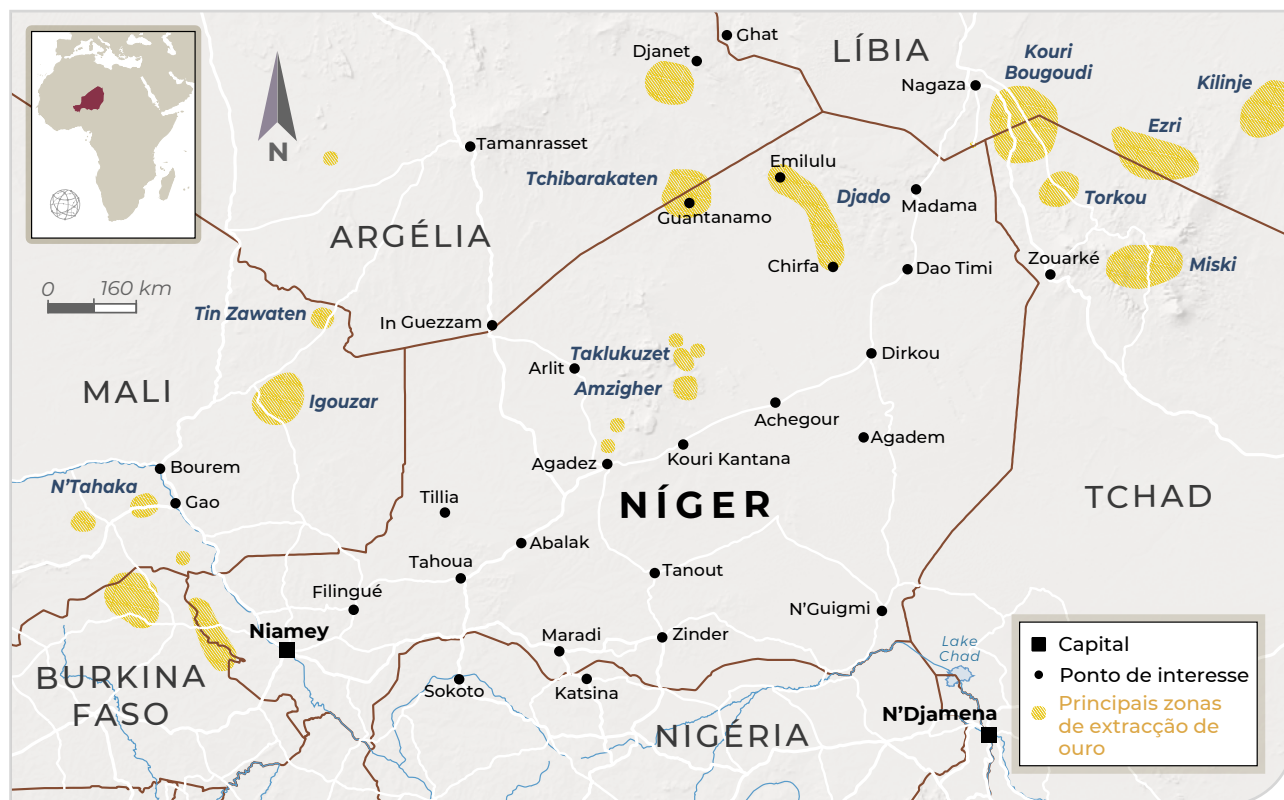
Visão geral dos sítios de exploração mineira em estudo no norte do Níger e no norte do Mali

Djado

Djado, uma das maiores zonas auríferas do norte do Níger, situa-se a 650 quilómetros a nordeste da cidade de Agadez e estende-se ao longo de uma enorme área, com cerca de 300 quilómetros de comprimento e 50 quilómetros de largura.⁶⁶ Os depósitos de ouro no planalto de Djado são, na sua maioria, aluviais e a sua extracção não requer maquinaria ou equipamento pesado, o que permite a extracção artesanal individual.⁶⁷

No entanto, nos últimos anos, em parte devido ao esgotamento do minério de ouro a níveis superficiais, os garimpeiros também se voltaram para operações semi-mecanizadas, utilizando maquinaria pesada.⁶⁸

Gráfico 1: Principais zonas de extracção de ouro do Sara-Sahel



A corrida ao ouro em Djado, em 2014, atraiu trabalhadores do Níger e de outros países, incluindo o Chade, o Sudão e a Líbia. Contudo, a presença significativa de mineiros estrangeiros desencadeou queixas locais e - a nível nacional - preocupações com a segurança. É provável que as queixas locais tenham sido motivadas pela percepção do sucesso dos garimpeiros estrangeiros, especialmente chadianos e sudaneses, que ultrapassaram em número a população local em 2014. Como estes trabalhadores eram geralmente mais qualificados e estavam mais bem equipados, ocuparam os locais de extracção mais ricos, em detrimento dos nigerinos. Os estrangeiros também passaram a ser associados à criminalidade e ao banditismo. Por isso, as autoridades nigerinas recorreram à deportação de centenas de garimpeiros oriundos do Chade e do Sudão.⁶⁹

Entre tensões crescentes e a presença cada vez maior de actores estrangeiros na zona aurífera, o governo nigerino acabou por encerrar o sítio de Djado a mineiros individuais em Fevereiro de 2017.⁷⁰ Este encerramento foi oficialmente justificado por razões de segurança, com o governo a levantar a hipótese de o sítio em questão poder estar a acolher e a ajudar a financiar grupos armados estrangeiros activos na região.⁷¹

A zona aurífera também servia de ponto de paragem para os migrantes que viajavam para norte, e é provável que este facto também tenha influenciado a decisão do encerramento, dado o objectivo de Niamey de reduzir os fluxos para norte de migrantes introduzidos clandestinamente no país.⁷²

O encerramento veio pôr em causa os meios de subsistência de dezenas de milhares de garimpeiros e exacerbou os ressentimentos subjacentes dos grupos Tebu (dominantes em Djado), num contexto de percepção da marginalização da comunidade pelas autoridades nacionais. A atitude repressiva adoptada pelas autoridades nigerinas em Djado também contrastou com a abordagem mais branda adoptada em relação à extracção de ouro em Tchibarakaten, que permaneceu aberto em parte em virtude dos laços clientelistas do governo com as elites políticas locais.⁷³

No meio de tensões latentes entre as comunidades Tebu e da ameaça de mobilização armada, o governo nigerino inverteu gradualmente o encerramento oficial de Djado. Em 2019, a actividade na área aurífera foi

retomada e as expulsões de garimpeiros cessaram. Isto deveu-se também, em parte, ao impacto positivo da mineração de ouro na economia local da aldeia de Chirfa, a principal cidade mercante do município de Djado, que se situa a cerca de 20 quilómetros dos locais de extracção de ouro mais próximos de Djado (os mais distantes ficam a 300 quilómetros).⁷⁴

Segundo o *chef de canton* (chefe de cantão) de Djado, vivem em Chirfa cerca de 5 000 a 6 000 pessoas, mas a população da zona aurífera de Djado é estimada em cerca de 50 000.⁷⁵ O Ministério dos Recursos Minerais concedeu licenças em Djado - incluindo a sociedades estrangeiras - pelo que a extracção de ouro está autorizada. No entanto, diz-se que muitas destas licenças não chegaram a ser activadas e que a maioria dos garimpeiros de Djado actuam informalmente, sem licenças.⁷⁶ Estes garimpeiros são sistematicamente reprimidos, em especial pelas forças armadas nigerinas, que interceptam regularmente os garimpeiros clandestinos que se deslocam a Djado, apreendendo o seu equipamento.⁷⁷

Para além do seu papel de centro económico, a zona aurífera de Djado constitui um ponto de trânsito para os migrantes que viajam para a Líbia. Enquanto alguns estrangeiros vêm apenas para trabalhar no domínio da extracção de ouro, outros incorporam-no na sua estratégia de financiamento da parte restante da sua viagem.⁷⁸

Em Maio de 2020, em resultado duma redução registada no nível de procura - associada às restrições regionais de viagem devido à COVID-19 - os passadores (*passeurs*) em Agadez transferiram as suas actividades para a região aurífera de Djado, onde as actividades não foram em grande parte perturbadas pela pandemia. Alguns passadores estabeleceram os seus próprios locais de extracção de ouro, enquanto outros se dedicaram ao sector do transporte. Esta actividade envolvia, sobretudo, o transporte de trabalhadores, mas também de mercadorias e de combustível, de Agadez para as minas. Embora as restrições impostas pela COVID-19 tenham sido gradualmente levantadas no Níger em meados de 2021, a maioria dos passadores continua envolvida na extracção de ouro e na introdução clandestina de migrantes em Djado, na medida em que o contingente de migrantes estrangeiros que transitam pelo Níger, continua a ser suprimido.⁷⁹

Muitos traficantes de seres humanos assumiram o papel de recrutadores, oferecendo aos potenciais garimpeiros a opção de viajarem a crédito para os locais de extracção de ouro

Tchibarakaten

Os sítios de exploração mineira de ouro de Tchibarakaten - a segunda maior área aurífera no norte do Níger - situam-se a 400 quilómetros a nordeste de Arlit, perto da fronteira com a Argélia. Foram descobertos apenas alguns meses depois do de Djado, em 2014. A área em questão é de cerca de 200 quilómetros quadrados e consta de minas espalhadas entre território nigerino e argelino.

A extracção de ouro em Tchibarakaten inclui operações artesanais, semi-mecanizadas e industriais, sendo que a extracção semi-mecanizada se torna cada vez mais generalizada. A maioria dos sítios de exploração mineira de ouro opera agora de uma forma legal, em regime de licença emitida pelo Ministério dos Recursos Minerais.⁸⁰

Ao contrário de Djado, a maioria dos depósitos de ouro em Tchibarakaten são filonianos, o que exige equipamento de escavação ou, em alguns casos, maquinaria pesada para extrair o minério mais profundo.⁸¹ Por este motivo, os garimpeiros independentes são raros. De acordo com os dados da Organização Internacional para as Migrações, 87% dos mineiros de ouro em Tchibarakaten trabalham por conta de outrem.⁸²

Enquanto os locais de exploração mineira de ouro no Níger são acessíveis e podem ser explorados formalmente, a extracção de ouro no território argelino é estritamente proibida a estrangeiros pelas autoridades argelinas.⁸³ O exército argelino aplica meios significativos para militarizar a sua fronteira de 951 quilómetros com o Níger.⁸⁴



Garimpeiros de ouro em Tchibarakaten, Níger, Julho de 2022

A descoberta de jazidas de ouro em Tchibarakaten atraiu trabalhadores nigerinos e estrangeiros de mais de 17 nacionalidades, incluindo nigerianos, chadianos, mauritanos, burquinenses, nigerinos, líbios e argelinos.⁸⁵ Embora seja difícil obter números exactos, a população de Tchibarakaten tem vindo a crescer constantemente, desde o início da exploração artesanal do ouro na região.

No último recenseamento eleitoral, em Dezembro de 2019, a comuna de Iferouane (cidade oásis situada a cerca de 300 quilómetros a sul da zona aurífera e da comuna onde se insere) contava 11 000 eleitores inscritos, dos quais 2 000 em Tchibarakaten (incluindo mineiros de ouro e militares).⁸⁶ Mas, segundo o antigo presidente da Câmara de Iferouane, a população actual de Tchibarakaten poderá situar-se entre as 30 000 e 40 000 pessoas.⁸⁷ As flutuações constantes de saída e entrada de pessoas nos locais de exploração mineira de ouro dificultam a elaboração de estimativas fiáveis da população.

Cerca de 15 locais de mineração de ouro encontram-se activos em Tchibarakaten; os Locais 23, 40 e de Guantanamo são os principais.⁸⁸ À medida que as actividades mineiras continuam a estender-se, todos os dias são descobertos novos locais de mineração, enquanto outros desaparecem quando os depósitos se esgotam. Guantanamo, o primeiro local descoberto em 2014 e situado a quatro quilómetros da fronteira entre o Níger e a Argélia, continua a ser o mais importante, funcionando como a principal povoação de Tchibarakaten. Guantanamo acolhe a maior parte da população, bem como os representantes municipais de Iferouane, as Forças Armadas do Níger, a gendarmaria nacional, as alfândegas, a autoridade nigerina das águas e das florestas e o *Comité de Gestion de Tchibarakaten* (Comité de Gestão de Tchibarakaten) e alguns dos seus subcomités.⁸⁹

A maior parte da economia de Tchibarakaten assenta na extracção de ouro e nas actividades auxiliares, nomeadamente a transformação do minério, o comércio de bens e equipamentos e as diversas formas de contrabando, incluindo o de combustíveis. O desenvolvimento do comércio em Tchibarakaten transformou-a num fornecedor de produtos alimentares como massas, sêmolos e refrigerantes a Arlit e Iferouane.⁹⁰ Tchibarakaten é também o principal fornecedor de combustível do norte do Mali, sendo que dezenas de camiões-cisterna partem semanalmente de Tchibarakaten.⁹¹ No entanto, a economia de Tchibarakaten continua a ser frágil, dado que depende em grande medida da continuação do contrabando de combustível e de outros bens provenientes da Líbia.⁹²

Em 2014, à medida que o contributo de Tchibarakaten para a economia regional de Agadez se tornava cada vez mais importante, foi objecto de um conflito territorial entre os municípios de Iferouane e de Gougaram, tendo cada um deles reivindicado a pertença do local ao seu território. Porém, o novo município de Iferouane - dirigido pelo *Parti Nigérien pour la Démocratie et le Socialisme* (Partido Nigeriano para a Democracia e o Socialismo, PND S Tarayya), no poder - nomeou um chefe de aldeia provisório para Tchibarakaten em 2017.⁹³

N'Tahaka

N'Tahaka é a maior zona aurífera da região de Gao, situada a 90 quilómetros a oeste da cidade de Gao, no nordeste do país, no município de N'Tillit. Embora N'Tillit inclua numerosos pequenos sítios de extracção de ouro individuais, N'Tahaka é a maior zona aurífera da região. Segundo consta, abrange sete ou oito quilómetros, embora algumas estimativas sejam muito mais elevadas.⁹⁴

Como acontece com toda a extracção de ouro no norte do Mali, esta actividade em N'Tahaka é informal e inclui operações artesanais e semi-mecanizadas. As actividades de extracção de ouro terão começado por volta de 2018. As estimativas do número de garimpeiros de ouro em N'Tahaka são vagas, mas vários entrevistados acreditam que um número máximo de cerca de 10 000 garimpeiros estavam a trabalhar lá no final de 2022, incluindo comunidades locais da região de Liptako Gourma (malianos, burquinenses e nigerinos), mas também trabalhadores migrantes provenientes do Sudão, Nigéria, Chade, Libéria, Gana, Mauritânia, Senegal, Guiné, Togo e Argélia.⁹⁵

A zona aurífera é controlada por grupos armados signatários do Mali que, em 2021, formaram uma coligação no âmbito do *Cadre Stratégique Permanent pour la Paix, la Sécurité et le Développement* (Quadro Estratégico Permanente para a Paz, a Segurança e o Desenvolvimento, CSP), reunindo a *Coordination des Mouvements de l'Azawad* (Coordenação dos Movimentos do Azawad, CMA) e a *Plateforme* (Plataforma).⁹⁶ Consequentemente, o CSP para além do controlo rigoroso da exploração do ouro, obtém receitas substanciais. Em geral, os garimpeiros só estão autorizados a vender ouro ao CSP a taxas fixadas por este, e o CSP também beneficia da tributação dos veículos que entram e saem da área aurífera, bem como do controlo dos mercados auxiliares, como o dos combustíveis, da água, dos alimentos e do equipamento.

O CSP afirma garantir a segurança dos garimpeiros de ouro em N'Tahaka, declarando que “o nosso objectivo é o bem-estar das comunidades locais. Foi por isso que mobilizámos os nossos homens para garantir a segurança dos locais de extracção de ouro, uma vez que as autoridades malianas não o conseguem fazer”.⁹⁷ No entanto, entrevistas realizadas com alguns garimpeiros sugerem que o grau de segurança disponibilizado é mínimo. Não obstante a presença de grupos armados do CSP, as ameaças à segurança continuam a existir nos sítios de extracção de ouro. Além do mais, os grupos armados têm uma presença profundamente enraizada nas economias ilícitas e no crime organizado na zona de extracção do ouro. Como disse um garimpeiro à GI-TOC:

As actividades ilícitas são numerosas, e não creio que nada seja legal aqui, excepto as refeições que comemos. Há assassinatos selectivos, roubos, assaltos à mão armada, venda e tráfico de armas, tráfico de ouro, e também o tráfico de drogas no local de extracção de ouro, excepto quando os jihadistas se encontram nele.⁹⁸

As actuais dificuldades em garantir a segurança da área aurífera podem também estar relacionadas com as capacidades decrescentes do CSP, devido à reafecção, em meados de 2022, de pessoal e veículos a nível significativo, para dar resposta ao aumento das actividades do El Sahel na região de Ménaka.⁹⁹

A situação em termos de segurança melhorou consideravelmente em Dezembro de 2021, altura em que o CSP assumiu o controlo da zona aurífera, que até então tinha sido ocupada por facções locais do *Mouvement National pour la Libération de l'Azawad* (Movimento Nacional para a Libertação do Azawad) e do *Groupe d'Autodéfense Tuareg Imghad et Alliés* (Grupo de Autodefesa Tuareg Imghad e Aliados). Com a diminuição da presença das forças armadas do CSP na área aurífera, na segunda metade de 2022, os membros destas facções locais terão também regressado às zonas auríferas para se dedicarem a acções de predação.¹⁰⁰

A zona aurífera é controlada por grupos armados signatários do Mali, que em 2021, formaram uma coligação





Vista do interior de um poço de garimpagem em N'Tahaka, Mali, Agosto de 2022

Os grupos criminosos locais e os grupos extremistas violentos são também responsáveis pelas condições de insegurança em N'Tahaka, dado que se infiltram na zona aurífera para efectuar ataques, roubos ou participar em actividades de extracção mineira ilícitas¹⁰¹ - embora em alguns casos possam também estabelecer alguma forma de aliança com grupos armados signatários. A área aurífera e a cidade vizinha de N'Tahaka, são objecto de ataques e escaramuças regulares.¹⁰²

No entanto, a região também tem registado um aumento acentuado de ataques contra civis, incluindo ataques com o intuito de roubar gado. No primeiro semestre de 2022, assistiu-se a um aumento dramático dos ataques do EI, no Sahel, nas regiões de Gao e Ménaka e registaram-se ataques quase semanais a aldeias, assim como assassínios e pilhagens indiscriminados.¹⁰³ Esta onda de violência matou quase 1 000 civis entre Março e Setembro de 2022 e causou a deslocação de dezenas de milhares de pessoas, quer internamente, quer para o Níger.¹⁰⁴

A 25 de Julho de 2022, um grupo da comunidade de Idaksahak foi assassinado na estrada que conduz à zona aurífera de N'Tahaka e o seu carro foi confiscado por elementos do EI Sahel.¹⁰⁵ Um membro do CSP reconheceu que não tinham conseguido garantir totalmente a segurança na zona aurífera de N'Tahaka:

É por isso que o CSP está a trabalhar para lutar contra estes grupos criminosos, mas eles são tão poderosos que, frequentemente, somos obrigados a permanecer em silêncio e a assistir ao que acontece. Circulam aqui dezenas de traficantes de armas livremente e somos impotentes para os enfrentar.¹⁰⁶

O JNIM - que tem um acordo de desanuviamento firmado com a CMA desde 2021¹⁰⁷ - também entra ocasionalmente na zona aurífera, alegadamente para resolver disputas.¹⁰⁸ No entanto, o JNIM exerce controlo total sobre outra zona aurífera em N'Abaw, localizada perto da fronteira burquinense, a 175 quilómetros a sudoeste de Gao. N'Abaw é mais pequena do que N'Tahaka, estende-se cerca de quatro quilómetros quadrados e reúne cerca de 2 000 garimpeiros.¹⁰⁹

O JNIM terá alegadamente autorizado a realização de actividades de extracção de ouro na condição de serem respeitadas as regras e práticas religiosas. Os dirigentes do JNIM não cobram sistematicamente o zakat (imposto religioso) em N'Abaw, mas exigem o seu pagamento no caso de qualquer montante superior a 1 milhão de FCFA (1 524 euros). O JNIM também tenta assegurar a segurança dos garimpeiros de N'Abaw e intervém em caso de disputas ou conflitos.¹¹⁰

Constatações-chave: Uma abordagem diferenciada para avaliar a dinâmica do tráfico de seres humanos nas zonas auríferas do Sara-Sahel

Definição do tráfico de mão-de-obra na MAPEO levada a cabo no Sara-Sahel

Existe uma certa confusão na definição de tráfico de seres humanos - incluindo o tráfico de mão-de-obra - e nas formas de exploração humana ou abusos que o constituem.¹¹¹ A definição comumente aceite a nível internacional baseia-se no Protocolo à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional para Prevenir, Reprimir e Punir o Tráfico de Seres Humanos, e em particular o Tráfico de Mulheres e Crianças - também conhecido como o Protocolo de Palermo - que define o tráfico de seres humanos como:

o recrutamento, transporte, transferência, albergamento ou acolhimento de pessoas, mediante ameaça ou o uso da força, ou a outras formas de coacção, rapto, fraude, engano, abuso de autoridade ou de uma posição de vulnerabilidade, ou à oferta ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha controlo sobre outra, para efeitos de exploração humana. A exploração humana inclui, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos.¹¹²

Segundo esta definição, os garimpeiros podem ser considerados vítimas do tráfico de seres humanos em várias situações. O nível de gravidade dessa vitimização dependerá da maneira como forem:

- recrutados para trabalhar nas zonas auríferas:
 - por meio de embuste (trabalhadores a quem foram prometidos salários e condições de trabalho adequados)
 - através do abuso da sua posição de vulnerabilidade (trabalhadores em situações precárias, sem meios de subsistência; trabalhadores sem conhecimento das condições nas áreas auríferas)
 - mediante os abusos de poder (trabalhadores recrutados por membros da sua comunidade, que têm um certo grau de autoridade ou influência sobre eles)
- forçados a trabalhar sem (ou com pouca) remuneração
 - mediante ameaça ou uso da força
 - devido a uma dívida relativa ao seu transporte para as zonas auríferas.

No entanto, a aplicação desta definição de tráfico de seres humanos coloca desafios significativos a certas práticas na MAPEO levada a cabo no Sara-Sahel, onde existem percepções variadas destas práticas; até que medida são intencionais; e se são aceites localmente. Em muitos casos, os garimpeiros entrevistados tinham passado por situações de exploração e abusos, mas não se consideravam vítimas do tráfico de seres humanos.

Do mesmo modo, os proprietários dos locais de extracção de ouro, ou os líderes das comunidades locais nas áreas auríferas, reconhecem que tais situações existem, sem as equipararem ao tráfico de seres humanos; várias entrevistas sugerem que estas situações são consideradas normais. A avaliação da dinâmica do tráfico de seres humanos requer, por conseguinte, uma abordagem mais matizada e fundamentada a nível local para compreender as realidades e modalidades complexas do transporte, recrutamento e emprego de garimpeiros.

Além do mais, em tais contextos, existem algumas dúvidas quanto à utilidade de se determinar o estatuto de uma pessoa como vítima do tráfico de seres humanos. O objectivo desta determinação baseia-se

A avaliação da dinâmica do tráfico de seres humanos requer uma abordagem matizada e fundamentada

normalmente nos direitos concedidos às vítimas, ao abrigo do direito internacional. Contudo, quando os governos não dispõem de recursos, capacidade ou vontade para defender estes direitos, a sua importância parece ser limitada.¹¹³ Por conseguinte, é provável que a aplicação da definição do Protocolo de Palermo, com vista a identificar o tráfico de seres humanos na MAPEO, seja não só problemática no que respeita ao contexto local da presente investigação, mas também em grande medida inútil.

Em vez disso, o relatório centra-se nas evidências de exploração ou abusos que se enquadram numa definição mais restrita de “tráfico de mão-de-obra”, utilizando a definição de trabalho forçado da Organização Internacional do Trabalho, que se refere a:

situações em que as pessoas são coagidas a trabalhar através do recurso à violência ou à intimidação, ou por meios mais subtis, como dívidas acumuladas, retenção de documentos de identidade ou ameaças de denúncia às autoridades de imigração.¹¹⁴

Assim, a presente investigação destaca evidências em duas grandes categorias: trabalhadores que são forçados a trabalhar sem, ou com pouca remuneração, mediante ameaça ou uso da força (controlo coercivo) e trabalhadores que são forçados a trabalhar sem, ou com pouca remuneração, em virtude dos abusos das suas posições de vulnerabilidade. As secções que se seguem sublinham as evidências relativas a ambas as categorias.

Riscos de tráfico de mão-de-obra mediante controlo coercivo

Os exemplos de tráfico de mão-de-obra mediante um controlo coercivo são limitados no âmbito do presente estudo. Em N'Tahaka encontraram-se poucas provas do uso da força ou da violência para coagir os trabalhadores. Tal facto não significa que tais práticas não existam; podia estar relacionado com as dificuldades em aceder às vítimas e com a sua relutância em denunciar tais abusos. No entanto, nas zonas auríferas nigerinas, embora estas práticas não pareçam ser sistemáticas, vários entrevistados relataram casos em que foram usadas formas de violência para coagir os trabalhadores, particularmente em Djado. Na maioria dos casos, os entrevistados apresentaram depoimentos de testemunhas oculares, mas não relataram ter vivido eles próprios essas práticas. Na caixa abaixo apresenta-se um depoimento directo:

A entrega de licenças às empresas mineiras não está não está ligada a nenhum quadro regulamentar para salvaguardar os direitos trabalhadores e a sua segurança

Um antigo garimpeiro, entrevistado em Agadez em Novembro de 2020, apresentou informações pormenorizadas da sua experiência na zona aurífera do Djado, durante a qual afirma ter sido vendido ao dono do local de exploração mineira e forçado a trabalhar sem remuneração, sob ameaça de violência. Contou como foi recrutado em Agadez por um grupo de homens que se propuseram levá-lo para o Djado para trabalhar na garimpagem de ouro.

Os recrutadores, que alegadamente lhe garantiram que estaria a trabalhar para eles e não para qualquer outra pessoa, discutiram com ele as condições de emprego, dando-lhe a opção de ser remunerado por dia, ou de receber uma proporção do ouro que encontrasse. Optou por ser remunerado com base no que encontrasse e aceitou viajar para Djado. Foi transportado pelos recrutadores juntamente com outros 10 garimpeiros recém-recrutados.

Chegados a Djado, os recrutadores terão alegadamente entregado o grupo de garimpeiros a outros indivíduos contra pagamento e depois partido. Disseram-lhes então que tinham sido “comprados” e foram levados para um sítio de extracção de ouro remoto, onde receberam instruções para trabalhar.¹¹⁵

Não podíamos fazer nada. Disseram-me para recolher as minhas coisas e seguir outro garimpeiro. Fizemos cerca de 40 quilómetros a pé, usando caminhos que os carros não podem utilizar. Levaram-me para um sítio onde ia trabalhar, deram-me uma máquina e disseram-me para trabalhar das 6 da manhã às 6 da tarde. Quando soube que tinha sido comprado, apercebi-me que tudo tinha acabado.

As pessoas que nos compraram não pareciam possuir armas, mas foram muito duras para connosco. Disseram-nos que tínhamos de pagar o nosso transporte, que trabalharíamos todos os dias por 2 000 francos, mas que eu teria de trabalhar 40 dias de graça para reembolsar os custos de transporte. Não tínhamos escolha. Não se consegue chegar a lado nenhum para pedir socorro. O local mais próximo dista 180 quilómetros. Conheço um fulano que fugiu e foi espancado. Eles batem-nos se tentamos sair, batem-nos se não trabalharmos. Havia muita violência. Eu não fui espancado porque não fiz nada de errado. Mas pessoas do meu grupo foram espancadas.

O trabalho é mesmo duro. As pessoas adoecem, há muito pó, e por isso as pessoas tosse muito. Quando ficamos doentes, não compram medicamentos. Em alguns sítios compram, mas nem sempre. Quando me disseram que teria de trabalhar 40 dias de graça, pensei que não ia poder fazer isso. Trabalhei durante 21 dias. Esperei, e uma noite fugi e andei cerca de 60 quilómetros até Chirfa.¹¹²

Vários entrevistados relataram ter testemunhado trabalhadores nas áreas auríferas nigerinas a serem amarrados durante a noite pelos seus empregadores, para os impedir de fugirem antes de terem pago a dívida do transporte. Um garimpeiro que tinha trabalhado em Djado afirmou que esta é uma prática comum quando os garimpeiros viajam a crédito:

Em Djado, os Tebu até amarram os Hausa com cordas [...]. Foi à minha frente que isso aconteceu. Vi pessoas amarradas com cordas e [também tentaram] me amarrar. Eu disse: 'Não vou ser amarrado'. Perguntei porque é que tinha de ser amarrado, eles disseram que se eu não fosse amarrado ia fugir. [...] Quando eles chegam lá, nós, os Hausa, quando sentimos o sofrimento, fugimos. E assim, [os Hausa] estavam sempre a fugir, a fugir e a fugir. Os Tebu estão fartos disto [...]. Pensaram: 'Não lhes vamos pagar os custos de transporte para virem para aqui e fugirem'. E assim, logo que cai a noite, comemos e depois ficamos amarrados até de manhã. De manhã, vêm desamarrar-nos para irmos trabalhar, como ovelhas.¹¹⁶

Vários entrevistados relataram, ainda, o uso generalizado da força e da violência contra os trabalhadores nas zonas auríferas. Vários garimpeiros indicaram ter sido agredidos fisicamente pelos seus empregadores e muitos testemunharam outros trabalhadores a serem espancados em Djado.¹¹⁷ Também se relataram situações em que o empregador se recusou a pagar-lhes no final do tempo acordado, o que, nalguns casos, resultou em ameaças físicas por parte do empregador e em alterações físicas: 'Ele recusou-se a pagar-me. Chegou a ameaçar-me com uma pá, e eu defendi-me com uma pá também.'¹¹⁸

Estes são exemplos do uso da violência física e do constrangimento para coagir e explorar os trabalhadores. Contudo, as entrevistas sugerem que os garimpeiros também são explorados devido a factores estruturais, que criam um ambiente de violência latente, em que os trabalhadores estão dependentes dos seus empregadores e têm pouco ou nenhum controlo sobre as suas condições de trabalho ou remuneração.

Riscos de exploração dos trabalhadores através da exploração das suas vulnerabilidades

O afastamento geográfico das zonas auríferas é o principal factor estrutural que contribui para a exploração das condições de trabalho e para a dinâmica do tráfico de mão-de-obra. Em Tchibarakaten e Djado, por exemplo, a maior parte dos garimpeiros chega do sul do Níger ou de países vizinhos e não conhece mais ninguém, para além da pessoa que os trouxe para o local, normalmente um intermediário. Os garimpeiros são enviados para os diferentes locais - que podem se situar a centenas de quilómetros de distância da principal localidade de mercado - sem qualquer meio de comunicação ou transporte.¹¹⁹ Um garimpeiro que trabalha como supervisor de equipa em Tchibarakaten explicou:

Há pessoas que pegam em trabalhadores de longe, trazem-nos para aqui para trabalharem, apesar de não lhes poderem dar o que precisam para trabalhar. Este tipo de pessoas está a sofrer muito. Acontece que uma pessoa traz gente e, passado um mês ou dois, fica sem água, sem comida e o material de trabalho está parado. As pessoas vão procurar uma maneira de voltar para casa e não vão consegui-lo. Isto existe e está feito.¹²⁰

Nestas situações, embora os trabalhadores tenham efectivamente a liberdade de saírem quando quiserem e não estejam sujeitos a qualquer constrangimento físico para continuar a trabalhar, normalmente não dispõem dos meios para sair e são, portanto, forçados a permanecer até terem fundos suficientes para a viagem de regresso a casa ou até o empregador concordar em levá-los de volta ao local principal.

Os trabalhadores dependem inteiramente do seu empregador e, quando o único meio de transporte é o veículo do empregador, esta dependência aumenta exponencialmente com o afastamento do local. Nestes casos, mesmo os trabalhadores que dispõem de meios financeiros suficientes para se irem embora, continuam a depender da boa-vontade do empregador. Em Tchibarakaten e Djado, por exemplo, entrevistas feitas a garimpeiros sugerem que esta forma de dependência é abusada pelos empregadores, que se aproveitam da vulnerabilidade dos trabalhadores.

Um garimpeiro em Djado relatou que tinha ouvido falar de pessoas que estavam a ser exploradas em zonas remotas da zona aurífera: “Eles mentem sobre o local e levam-nos para outro sítio muito longe para nos explorarem. E é impossível regressar a pé’. Embora ele próprio não tenha sofrido tais abusos, só ficou em Djado porque não tinha dinheiro para abandonar o local: “A vida aqui é um fardo para mim. Se tivesse



Garimpeiros de ouro transportados de Arlit para Tchibarakaten, Níger, Julho de 2022

dinheiro suficiente para pagar a viagem de regresso a casa, voltava. Já não quero trabalhar no garimpo de ouro. Não quero voltar para cá”.¹²¹

Este factor geográfico é mais significativo para as zonas auríferas remotas, como as de Tchibarakaten (a 400 quilómetros de Arlit) e Djado (a 650 quilómetros de Agadez), do que para as situadas mais perto de grandes cidades, como N’Tahaka (a 50 quilómetros de Gao).¹²² No entanto, os garimpeiros entrevistados em N’Tahaka afirmaram ter viajado a crédito para a área aurífera, a partir de zonas mais distantes do que Gao. As dívidas relativas ao transporte dos garimpeiros de N’Tahaka podem variar de entre 200 000 a 500 000 FCFA (isto é, €305 a €762).

As entrevistas realizadas em Djado sugerem que viajar a crédito - o que é muitas vezes necessário devido ao custo da viagem a partir de Agadez - é outra vulnerabilidade a que os garimpeiros estão expostos. Eles explicaram que, de facto, foram recrutados em Agadez, onde os passadores reúnem os candidatos a garimpeiro para os transportar para Djado. À chegada a Djado, os passadores “vendem” a dívida dos garimpeiros aos empregadores:

Vim [...] para Agadez, onde ouvi os motoristas falarem de Djado. Disseram-nos que tínhamos de trabalhar para os reembolsar. Eles não nos trazem para Djado; contornam Djado para ir para o mato. É lá que nos vendem por 30 000 francos [€45,70] cada. Serás obrigado a trabalhar ao longo de 15 dias para pagar a dívida, à razão de 2 000 francos [€3] por dia. [...] Assim que comesças a trabalhar, ele diz-te que te comprou e que não tens direitos.¹²³

Segundo vários entrevistados, os passadores podem fazer um lucro de 15 000 FCFA (€22,80) por passageiro nestas operações, durante as quais transportam normalmente cerca de 10 passageiros. Um mineiro descreveu a vulnerabilidade associada com o viajar a crédito:

O caso das viagens a crédito é uma questão de humilhação. O crédito é um problema. O maior problema é o facto de os motoristas não dizerem a verdade aos passageiros. Uma vez aqui, eles [o motorista e o futuro empregador] consultam-se um ao outro e o motorista vai-se embora. Assim que nos levantamos para falar, dizem-nos que fomos vendidos.¹²⁴

Outro factor que pode contribuir para a exploração das condições de trabalho é a utilização - ou a má utilização - do sistema de pagamento tradicional conhecido localmente como “*les trois-tiers*” (“os três terços”). No âmbito deste sistema, o ouro extraído é dividido em três partes iguais. Dois terços vão para o empregador e um terço para a equipa de garimpeiros. O empregador deduz as taxas de alimentação e de fornecimento de água da parte dos garimpeiros, que é depois dividida pelo número de pessoas que compõem a equipa. Nalguns casos, as taxas de utilização de equipamento (motores, compressores) são deduzidas do total antes de este ser dividido por três; noutros, as taxas de utilização de equipamento são calculadas como outra parte igual, juntamente com a parte dos garimpeiros.

Este sistema de partilha aplica-se a todos os locais em estudo no norte do Níger e no Mali.¹²⁵ Embora seja aceite e compreendido por todos os garimpeiros da região, depende e contribui para a vulnerabilidade dos trabalhadores, que não podem negociar uma melhor remuneração e, muitas vezes, dão por si a trabalhar durante vários meses sem remuneração: se não encontrarem ouro, recebem apenas alimentos básicos e água. Porém, este chamado sistema de pagamento de três terços a sós, embora abusado em alguns casos e semelhante à exploração humana, não pode ser considerado semelhante ao tráfico de mão-de-obra.

No entanto, para além desta distribuição desigual de rendimentos, os garimpeiros também podem ser forçados a partilhar os seus ganhos com a pessoa que os recrutou. Como o conjunto de potenciais

garimpeiros é muito maior do que a procura de trabalhadores, muitos recorrem a recrutadores para encontrar emprego nas zonas auríferas. Ao fazê-lo, comprometem-se frequentemente a partilhar parte dos seus ganhos com o recrutador, como taxa de recrutamento.

A maioria dos trabalhadores começa por contactar recrutadores ou intermediários baseados em cidades próximas da zona aurífera,¹²⁶ que normalmente lhes encontram um empregador e podem também organizar a sua viagem para a área aurífera. Alguns recrutadores financiam a deslocação do trabalhador, agregando assim este encargo ao montante devido.

Para trabalhar em Tchibarakaten, os candidatos a garimpeiro contactam geralmente intermediários em Arlit, conhecidos como “*ouban groupe*” (“pai de grupo”, na língua Hausa). Em alternativa, deslocam-se ao garimpo e encontram um recrutador no próprio local, conhecido como “*sarkin tacha*” (“chefe da estação”). Estes intermediários têm, normalmente, experiência na extracção de ouro e encontram trabalho para os membros da sua própria comunidade ou nacionalidade. Contudo, este serviço acarreta um custo para os potenciais garimpeiros, que ficam a dever ao intermediário uma percentagem do ouro que possam encontrar. Na maioria dos casos, os intermediários são incluídos no regime de pagamento de “três terços” e recebem uma parte igual à dos próprios garimpeiros.¹²⁷

Muitos dos garimpeiros entrevistados acreditam que estão a ser explorados pelos intermediários, que exageram o custo dos seus serviços. Consideram que os intermediários abusam do seu poder, para explorar a vulnerabilidade precária dos trabalhadores, que não disfrutam de outras oportunidades económicas viáveis, que não a garimpagem de ouro.¹²⁸

Alguns garimpeiros sugerem também que foram enganados pelos seus recrutadores e que as condições de trabalho são eram as que tinham ficado acordadas antes da partida. Um trabalhador agrícola desempregado afirmou ter sido recrutado por um indivíduo em Agadez, com vista a trabalhar numa exploração de cebolas, tendo sido transportado a crédito para Djado, onde foi obrigado a trabalhar como garimpeiro para reembolsar os encargos da sua viagem:

Ele disse-me que eu trabalharia para ele numa exploração de cebolas. Encontrámo-nos na cidade quando eu andava à procura de trabalho. Ele disse-me que havia trabalho se eu quisesse trabalhar para ele. Levou-me no seu veículo para onde estavam os seus outros trabalhadores. À noite, vi-o tapar os faróis do seu veículo com fita adesiva; depois [fugiu] para o Sara. [...] Levou-nos para os tuaregues e vendeu-nos.¹²⁹



Abrigos improvisados em Tchibarakaten, Níger, Julho de 2022

Em N'Tahaka, os factores de vulnerabilidade são um pouco diferentes dos verificados nas zonas auríferas remotas de Djado e Tchibarakaten. Aqui, a vulnerabilidade parece estar mais intimamente ligada à insegurança na zona aurífera e aos actos de predação cometidos por grupos armados do PEC. Os entrevistados sublinharam o papel dos grupos armados que controlam N'Tahaka, na facilitação da exploração dos garimpeiros - devido, em parte, à impunidade de que gozam quando concretizam negócios e actividades ilícitas. Um garimpeiro explicou que a exploração dos mineiros é comum em N'Tahaka e acusou os membros do CSP envolvidos na extracção de ouro de abusarem da sua posição para impor condições injustas e de exploração laboral aos trabalhadores:

Trata-se sempre do CSP e dos actores internacionais, incluindo o povo do Dubai. Somos obrigados a vender-lhes o nosso ouro, caso contrário tiram-nos os nossos bens pela força das armas e, muitas vezes, assassinam os rebeldes e fixam os seus preços. É o CSP que gere todas as lojas, que nos vende água durante a estação seca.¹³⁰

No entanto, a recolha de provas de tais práticas constitui um desafio. Um garimpeiro disse à GI-TOC que, apesar dos exemplos generalizados de abuso, poucos garimpeiros estão preparados para falar sobre as condições impostas pelos membros do CSP, por temerem as represálias: porque são eles (o CSP) que controlam a zona do princípio ao fim. Ninguém se atreve a criticá-los porque, se o fizer, no dia seguinte vai parar à cova".¹³¹

Em N'Tahaka, os elevados níveis de dependência dos empregadores ou dos grupos armados para o fornecimento de equipamento, alimentos e água, resultam numa dinâmica de exploração semelhante à observada em Tchibarakaten e Djado. Um garimpeiro relatou que tinha trabalhado com um jovem mineiro nigerino em N'Tahaka, o qual tinha trabalhado durante sete meses. Quando este decidiu abandonar o sítio para regressar ao Níger, o seu empregador só lhe terá pago 25 000 FCFA (€38 euros). O entrevistado afirmou que, após uma negociação falhada com a entidade patronal, esta apelou aos membros do CSP para resolverem o litígio. Quando o CSP não respondeu, a entidade patronal terá solicitado a intervenção de elementos do El Sahel.¹³²

Embora o desfecho final desta situação permaneça incerta, ilustra uma prática comum a todos os locais em estudo: os empregadores exploram a vulnerabilidade dos garimpeiros, enganando-os ou privando-os do pagamento dos seus salários.

O papel da dinâmica comunitária nos factores de vulnerabilidade

A expansão repentina da extracção de ouro no Sahel central continua a aliciar potenciais garimpeiros, tanto originários das populações locais como de toda a região. As zonas do norte do Níger e do norte do Mali reúnem pessoas do Mali, do Burkina Faso, do Níger, da Nigéria, do Chade, da Costa do Marfim, do Benim, do Gana, da Gâmbia, da Guiné e do Senegal.¹³³ Entre estas nacionalidades, os garimpeiros também são oriundos de diferentes comunidades e, frequentemente, vivem e trabalham em grupos divididos por linhas comunitárias. Esta dinâmica pode desempenhar um papel na organização e regulamentação das actividades de extracção de ouro. Pode ser um recurso para muitos garimpeiros, que confiam nos seus representantes para ajudar a gerir conflitos, resolver litígios, encontrar trabalho e estabelecer relações comerciais.

No entanto, um equilíbrio de poder desigual entre as comunidades - particularmente entre as que são originárias da área, têm acesso a recursos (incluindo veículos, armas e dinheiro) e podem exercer

Os mecanismos de governação local têm desempenhado um papel mais importante do que as autoridades nacionais na regulação das actividades nas zonas auríferas remotas

influência política, e as que não têm - pode fazer com que certos grupos sejam alvo de práticas de exploração e expostos a riscos acrescidos. Por exemplo, as comunidades Tuaregues ocupam normalmente a maioria das posições de poder em Tchibarakaten, enquanto os Tebu parecem exercer mais influência em Djado. Os garimpeiros de ambas as zonas auríferas sugeriram que estes dois grupos gozam normalmente de posições de poder que lhes permitem empregar trabalhadores de outras comunidades.

Em Tchibarakaten e Djado, muitos garimpeiros vêm do sul do Níger e do norte da Nigéria, e a maioria das comunidades Hausa (do Níger ou da Nigéria) ou Djerma. Estes grupos executam normalmente as tarefas mais difíceis na extracção de ouro, como a escavação e a extracção dos poços mineiros profundos. De acordo com os entrevistados, quando as minas atingem uma certa profundidade, muitos garimpeiros das comunidades Tuareg e Tebu recusam-se a cavar mais fundo devido ao risco de desmoronamentos e outros acidentes. Alegadamente, os empregadores trazem então trabalhadores das comunidades Hausa ou Djerma, para darem continuidade ao trabalho.¹³⁴

De acordo com uma enfermeira de um centro de saúde de um dos sítios de garimpo de Tchibarakaten, a esmagadora maioria dos pacientes tratados por acidentes de trabalho são Hausa ou Djerma.¹³⁵ As outras comunidades presentes em Tchibarakaten ocupam normalmente posições que implicam um menor risco de acidentes.

A dinâmica comunitária é também visível nas diferentes condições de vida proporcionadas aos trabalhadores nas zonas auríferas. Os alojamentos são normalmente divididos em função da origem das comunidades. Enquanto alguns vivem em barracões improvisados e apinhados de gente, outros conseguem assegurar habitações mais confortáveis - nalguns casos com antenas parabólicas, humidificadores, instalações sanitárias e refrigeração.¹³⁶

Percepções e respostas

Autoridades nacionais

Embora as autoridades nacionais do Níger e do Mali se preocupem normalmente com as tendências crescentes de insegurança e criminalidade nas áreas auríferas, pouca atenção tem sido prestada aos riscos de tráfico de seres humanos e exploração humana.

No Níger, as respostas à MAPEO envolvem principalmente acções de formalização. Para além dos imperativos de longa data, que têm por intuito conter a instabilidade no norte, os esforços nigerinos para regulamentar a extracção de ouro na região de Agadez têm sido motivados, em grande medida, pelos interesses estratégicos das elites políticas locais e nacionais em conceder - ou preservar - o acesso e o controlo dos locais de extracção de ouro.¹³⁷ Este facto tem resultado em abordagens contrastantes à garimpagem de ouro no norte do Níger - dependendo da proximidade entre as autoridades nacionais e as redes clientelistas locais e do grau em que as primeiras estão dispostas, podem ou são obrigadas, a negociar com as segundas.¹³⁸

Seja como for, existe um claro ímpeto no seio do governo nigerino para aumentar a formalização. Numa rara visita a Tchibarakaten em Novembro de 2022, o Ministro dos Recursos Minerais, Ousseini Hadizatou Yacouba, referiu-se ao objectivo do governo de gerir e supervisionar melhor a extracção do ouro, a fim de aproveitar os seus benefícios económicos: “Estamos sentados sobre as riquezas do ouro, mas não as vemos. [...] Enquanto [a extracção de ouro] for informal, não podemos contar com ela como uma alavanca para a nossa economia.”¹³⁹

Porém, até agora, a formalização gradual da MAPEO em Tchibarakaten tem beneficiado quase exclusivamente os actores que têm os meios e as ligações políticas para obterem licenças de exploração mineira e forçado os garimpeiros a procurarem emprego junto dos titulares das licenças ou a abandonar a zona aurífera. A concessão de licenças às sociedades mineiras também não está ligada a qualquer quadro regulamentar eficaz que vise salvaguardar os direitos e a segurança dos trabalhadores, e as práticas de recrutamento e remuneração no terreno continuam a ser largamente informais.¹⁴⁰ Os passos no sentido da formalização

em Tchibarakaten parecem, portanto, ter exacerbado ainda mais os factores de vulnerabilidade, dado que os trabalhadores individuais têm de cumprir as condições de trabalho impostas pelos detentores de licenças ou ser empurrados para uma exploração mineira ilegal e arriscada.¹⁴¹

Em Djado, onde o âmbito de acção do governo é fraco e as autoridades nacionais têm visto a MAPEO como uma ameaça, foram dados poucos passos concretos no sentido da formalização, para além da concessão de um número limitado de licenças a empresas mineiras. Por enquanto, estes titulares de licenças não iniciaram as suas operações, mas os garimpeiros estão preocupados com o facto de poderem vir a enfrentar desafios semelhantes aos de Tchibarakaten.¹⁴²

Embora alguns organismos oficiais do Níger estejam encarregues - no papel pelo menos - de superintender as operações de extracção de ouro, na prática estão praticamente ausentes das zonas auríferas do Sara. A nível nacional, a *Direction des Exploitations Minières à Petites Échelles et des Carrières* (Direcção de Exploração Mineira de Pequena Escala e Pedreiras, DEMPEC) do Ministério dos Recursos Minerais é supostamente responsável pela organização e promoção das operações de mineração artesanal, incluindo a MAPEO.¹⁴³ No entanto, para além do seu papel na emissão de licenças, a participação oficial dos funcionários da DEMPEC nas áreas auríferas do Sara, é limitada.

Existe também um organismo regional - o *Observatoire Régional de Surveillance Administrative des Sites d'Orpillage* (Observatório Regional de Vigilância Administrativa dos Locais de Garimpagem, ORSASO) - mas não parece estar activo ou presente no terreno em Tchibarakaten, ou em Djado.¹⁴⁴

Por fim, existe a empresa mineira nacional do Níger, a *Société du Patrimoine des Mines du Niger* (Sociedade do Património Mineiro do Níger, SOPAMIN). Em 2017, numa altura em que a SOPAMIN possuía licenças de mineração de ouro em Djado e Tchibarakaten, um decreto-lei atribuiu-lhe mandatos adicionais na supervisão dos locais de extracção de ouro e na sensibilização dos mineiros para os riscos existentes.¹⁴⁵ Não lhe foi possível cumprir este papel devido à falta de dotação orçamental e à relutância da DEMPEC em lhe delegar tais prerrogativas.¹⁴⁶

Isto sugere que as autoridades nigerinas estão conscientes da necessidade de um maior controlo e supervisão das actividades de MAPEO e conceberam estratégias para o efeito, mas a existência de desafios significativos e a falta de vontade política impedirão a sua aplicação.

Em N'Tahaka e noutros garimpos do ouro nas regiões de Gao e Kidal, as perspectivas de respostas a nível nacional à MAPEO são sombrias, tendo em conta a total ausência da presença do Estado nestas áreas, que continuam sob o controlo do JNIM.

Autoridades locais

Os mecanismos de governação local - tanto formais como informais - têm desempenhado um papel muito mais forte na regulação das actividades nas zonas auríferas remotas e têm demonstrado consciência dos riscos de tráfico de mão-de-obra. Embora tecnicamente informais, os comités de gestão criados, tanto em Tchibarakaten como em Djado, são exemplos de sistemas de governação liderados a nível local.

O mais desenvolvido é o *Comité de Gestion de Tchibarakaten* (Comité de Gestão de Tchibarakaten), que tem por objectivo resolver litígios entre garimpeiros, ou entre trabalhadores e empregadores, e abordar os riscos de exploração humana e de tráfico de mão-de-obra. O comité pode, supostamente, emitir contratos escritos para formalizar o emprego dos trabalhadores, mas admite que estes são muito raros.¹⁴⁷ No entanto, a própria comissão é composta quase exclusivamente por donos ou patrões de sítios de extracção de ouro, o que pode

Os passos no sentido da formalização em Tchibarakaten parecem, portanto, ter exacerbado ainda mais os factores de vulnerabilidade





Vista de um local de extracção de ouro na zona aurífera de Djado, Níger, Junho de 2022

influenciar as arbitragens a seu favor. Embora a comissão ainda intervenha a favor de trabalhadores não remunerados ou maltratados, estruturalmente continua nas mãos de patrões poderosos, alguns dos quais beneficiam das práticas de exploração laboral.¹⁴⁸

As forças de segurança locais em Tchibarakaten também respondem a algumas situações, embora limitadas, de tráfico de mão-de-obra ou de exploração humana. A unidade local da gendarmaria no principal local de extracção de ouro de Tchibarakaten informou que, para além dos elevados níveis de criminalidade na zona aurífera, tem de lidar com numerosos conflitos em torno das disposições de trabalho, disputas territoriais e em matéria de pagamentos, e nalguns casos, o abuso de trabalhadores.¹⁴⁹ Contudo, a sua intervenção é rara e a maior parte das situações de abuso não é detectada pelos agentes de segurança. Além disso, quando a gendarmeria intervém, conta sistematicamente com a participação do comité para ajudar a resolver os litígios.¹⁵⁰

Em N'Tahaka, como já foi referido, alguns garimpeiros consideram que os agentes de segurança - ou seja, os grupos que actuam ao abrigo do CSP - desempenham um papel activo na exacerbação dos riscos de tráfico de seres humanos e de exploração humana, em vez de os combaterem. Na ausência de uma governação local formal, o garimpo é inteiramente regido por grupos armados. No entanto, as entrevistas realizadas em N'Abaw, onde o garimpo está sob o controlo do JNIM, sugerem que os agentes de segurança ajudam a abordar esses riscos. Embora estes testemunhos devam ser tratados com cautela, alguns sugerem que o sistema de governação religiosa implementado pelo JNIM - embora, em muitos outros aspectos, seja um factor de conflito e violência - pode contribuir para reduzir a vulnerabilidade dos trabalhadores, fornecendo e aplicando um quadro regulamentar moral rigoroso.¹⁵¹

Conclusão

A expansão repentina registada na extracção artesanal de ouro criou desafios e oportunidades significativos para a estabilização e o desenvolvimento local e regional. Nas remotas zonas auríferas do Sara e nas zonas de extracção de ouro que se encontram fora do controlo e da alçada das autoridades nacionais, as ameaças que o *boom* da MAPEO representa para os Estados têm sido, na sua maioria, tratadas mediante abordagens altamente “securitizadas”.¹⁵² No entanto, os governos têm prestado pouca atenção aos riscos que tais abordagens representam para os próprios garimpeiros e a regulamentação da extracção de ouro tem sido essencialmente deixada a cargo de sistemas de governação informais, controlados por elites poderosas ou por intervenientes em conflitos.

A presente investigação encontrou provas de tráfico de mão-de-obra, baseadas no trabalho forçado em Djado e Tchibarakaten, onde alguns garimpeiros, particularmente os originários do sul do Níger, estão sujeitos a violência física e a confinamentos. No entanto, estas práticas não parecem ser sistemáticas nas

zonas auríferas em estudo. Em vez disso, a presente investigação destacou factores-chave que exacerbam a vulnerabilidade dos garimpeiros a práticas de exploração e abusos.

Vários destes factores estão ligados à localização geográfica remota das duas zonas auríferas sob estudo, Djado e Tchibarakaten. Os custos de deslocação a partir das grandes cidades, como Agadez ou Arlit, para as áreas auríferas, obrigam normalmente os candidatos a garimpeiro de baixos rendimentos a viajar a crédito e, subsequentemente, a celebrar acordos de trabalho forçado com os empregadores, o que os torna vulneráveis à exploração humana. O afastamento destas zonas auríferas e, mais ainda, o afastamento de certos sítios de exploração de ouro, agrava ainda mais a sua vulnerabilidade, uma vez que os garimpeiros ficam a depender altamente dos seus empregadores.

A localização das zonas auríferas, combinada com a procura elevada de emprego na MAPEO - no contexto de opções de subsistência limitadas - também cria um elo de dependência nos recrutadores ou intermediários para encontrar trabalho. Embora não seja exclusivamente predatório, estes actores podem contribuir para a exploração dos trabalhadores, quer através de trapaças (sobre as condições de trabalho, localizações), quer através da exigência de quotas adicionais dos seus rendimentos.

Finalmente, os intervenientes no domínio da segurança também podem desempenhar um papel na exploração da MAPEO, abusando das suas posições de poder para impor condições de trabalho injustas ou exploradoras. Embora seja este especialmente o caso em N'Tahaka, repete-se, ainda, em todos os locais em estudo, incluindo no âmbito da dinâmica comunitária.

Estas práticas ocorrem também num contexto mais alargado de insegurança e de aplicação ineficaz da lei, o que contribui para os riscos encarados pelos garimpeiros. Embora não esteja directamente relacionada com o tráfico de mão-de-obra e exploração humana, a dinâmica do crime organizado, exemplificada pelo tráfico de droga e de armas, é também relevante, na medida em que aumenta a insegurança e a violência gerais nestas zonas remotas, podendo pôr em risco a segurança dos trabalhadores.

A resolução destas questões exige uma abordagem multifacetada, que tenha em conta o contexto social, económico e político em que a MAPEO é conduzida.

Apesar de a MAPEO nas zonas auríferas como Tchibarakaten ser gerida e cada vez mais regulada por estruturas de governação local, faltam esforços para enfrentar os riscos de tráfico de mão-de-obra e melhorar as condições de trabalho. De um modo mais geral, a investigação mostra que os passos dados pelo governo nigerino no sentido da formalização, apenas beneficiaram, até à data, as elites políticas e empresariais locais, agravando ainda mais a vulnerabilidade dos garimpeiros individuais.

Em N'Tahaka, as perspectivas de formalização são sombrias, enquanto a área permanecer fora do controlo das autoridades malianas, mas a presente investigação sugere que a melhoria da segurança na zona aurífera poderia ajudar a reduzir a vulnerabilidade dos garimpeiros à exploração humana. É necessário mais trabalho de investigação para avaliar a situação das áreas auríferas na região de Kidal, no Mali, onde a extracção artesanal do ouro também desempenha um papel importante na dinâmica política e de segurança local e regional.

A situação actual - marcada por esforços crescentes e pela defesa da formalização da extracção de ouro e do aproveitamento do seu potencial económico e de desenvolvimento numa região marcada pela instabilidade - representa uma oportunidade crucial para os Estados do Sahel. Se for correctamente gerido, o *boom* da extracção de ouro - em vez de alimentar os conflitos e a criminalidade e expor os trabalhadores a riscos de exploração humana e abusos - poderá garantir meios de subsistência seguros e sustentáveis.

Além do mais, oferece oportunidades para aumentar as receitas tributárias e contribuir para estabilizar e reforçar a presença do Estado em regiões de outro modo marginalizadas e isoladas. Para tal, os Estados devem encontrar um equilíbrio entre a mineração industrial e a extracção de ouro artesanal e de pequena

escala e abordar eficazmente os riscos de tráfico de mão-de-obra e as práticas de exploração humana, como parte integral dos esforços envidados em prol da formalização.

Estes imperativos são tanto mais cruciais para a estabilidade regional quanto o sector do ouro se tornou um alvo de predação fundamental para a empresa militar privada russa Wagner Group. A presença da Wagner no Mali desde Novembro de 2021 levantou suspeitas de que poderia beneficiar de concessões mineiras em pagamento dos seus serviços, como aconteceu na República Centro-Africana e no Sudão.¹⁵³

Recomendações

As recomendações que se seguem contribuiriam para reduzir os riscos de tráfico de mão-de-obra na MAPEO no Sara-Sahel e para melhorar as condições de trabalho dos garimpeiros. Embora sejam principalmente dirigidas a Djado e Tchibarakaten, podem também se aplicar a outros locais da região. Embora a maioria das recomendações possa não ser aplicada a N'Tahaka, no actual contexto político e de segurança, continuam a ser relevantes no contexto mais amplo da MAPEO no Mali.

A concretização destas recomendações pode também ser impedida pela falta de capacidade e/ou vontade dos Estados do Sahel para regulamentar e supervisionar eficazmente as zonas auríferas remotas do Sara. Por conseguinte, os parceiros internacionais devem desempenhar um papel na promoção e no apoio à sua implementação.

Apoiar a formalização da MAPEO

Os Estados devem continuar a envidar esforços no sentido de formalizar a extracção de ouro, de forma a permitir que a MAPEO seja mantida a par da mineração industrial e que as garantias necessárias sejam prestadas aos trabalhadores.

Incluir normas de trabalho seguras na regulamentação do sector mineiro

O esforço a favor da formalização deve garantir que os quadros regulamentares da extracção de ouro estabeleçam normas claras sobre as condições de trabalho, tanto na MAPEO como na mineração de ouro em grande escala. Estas normas devem, ainda, ser divulgadas pelos Ministérios dos Recursos Minerais e tornadas acessíveis no terreno, mediante representantes locais do ministério. Os Ministérios do Trabalho e dos Recursos Minerais poderiam elaborar um mecanismo de queixas, a ser disponibilizado localmente para queixas e procedimentos padrão, para auxiliar os mineiros cujos direitos tenham sido violados. O Ministério dos Recursos Minerais deve criar e afectar recursos a mecanismos de controlo e supervisão da aplicação destes regulamentos.

Ajustar os procedimentos de formalização para apoiar os garimpeiros de ouro independentes e reduzir os riscos de corrupção e clientelismo

Por forma a evitar uma maior marginalização e criminalização dos garimpeiros individuais, a formalização do sector não se deve limitar à concessão de licenças às empresas mineiras e deve ser mais económica e acessível aos garimpeiros individuais. Os procedimentos inerentes à concessão de licenças devem também ser mais transparentes, para reduzir os riscos de corrupção e clientelismo. Ao conceder uma autorização de exploração mineira, a autoridade competente deve também fornecer informações sobre a segurança das actividades mineiras, incluindo as normas laborais.

Promover o diálogo acerca dos desafios e das oportunidades para o sector da extracção de ouro

O diálogo e o intercâmbio de experiências, a nível nacional e local, podem ajudar os Estados do Sahel a formular e implementar processos de formalização sustentáveis e sensíveis aos conflitos, que atenuem os riscos de tráfico de mão-de-obra e exploração humana. As experiências em matéria de formalização na Mauritânia, por exemplo - que se centraram no processamento do ouro e não nos locais de extracção - e

no Sudão,¹⁵⁴ poderiam proporcionar bases comparativas úteis em áreas que partilham características semelhantes.

Tais diálogos devem contar com a participação dos actores locais e dos decisores políticos - tais como os próprios garimpeiros, os líderes comunitários e os actores governamentais - para garantir que os processos de formalização têm uma raiz local e que a institucionalização das práticas é aceite e considerada justa a nível local.

Investir recursos na implantação de serviços estatais e de segurança nas zonas auríferas

A formalização da MAPEO deve fazer-se acompanhar de esforços no sentido de proporcionar serviços de segurança e serviços básicos em troca dos impostos pagos. A intervenção do Estado deve também contribuir com mais recursos financeiros e humanos para os mecanismos locais de controlo, supervisão e aplicação da lei.

Funções de apoio devem ser atribuídas à sociedade civil na garimpagem de ouro

As iniciativas nacionais em prol da formalização, mesmo que bem-sucedidas, são processos morosos e complexos. Embora os esforços do governo para apoiar a formalização da MAPEO possam proporcionar condições mais seguras para os trabalhadores nas áreas auríferas, a abordagem dos riscos de tráfico de mão-de-obra deve também envolver a sociedade civil.

Sensibilizar para os riscos de tráfico de mão-de-obra na MAPEO

Nos locais de origem dos garimpeiros em potencial, a sociedade civil deve desempenhar um papel na partilha de informações relevantes sobre a situação da MAPEO. Embora estes esforços não devam ter como objectivo desincentivar esses garimpeiros, devem apresentar informações sobre as condições de trabalho no âmbito da MAPEO nas principais zonas auríferas de destino e aconselhá-los sobre formas de reduzir a vulnerabilidade (por exemplo, evitar viajar a crédito, evitar certos intermediários, procurar obter contratos escritos dos comités de gestão locais, sempre que possível). Estas informações podem ser partilhadas através de organizações da sociedade civil, estruturas tradicionais da liderança comunitária ou redes sociais.

Incentivar e enquadrar a criação de sindicatos dos garimpeiros

Os sindicatos dos garimpeiros de ouro poderiam contribuir para uma melhor representação dos interesses dos trabalhadores, acompanhar os processos de formalização, aumentar a sensibilização para os riscos de tráfico de mão-de-obra e de exploração humana e ser um interlocutor credível e legítimo junto das autoridades locais e nacionais. Existe um *Syndicat National des Travailleurs des Mines de Niger* (Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Minas do Níger) na parte ocidental do Níger, mas o seu papel e as suas capacidades são alegadamente limitados.

Incentivar e enquadrar a criação de cooperativas dos garimpeiros

As cooperativas dos garimpeiros poderiam apoiar a sustentabilidade da extracção de ouro a nível individual e reduzir a vulnerabilidade dos trabalhadores, permitindo a combinação de recursos destinados ao pagamento do equipamento de extracção de ouro, impostos e licenças, e reduzindo a dependência dos garimpeiros em relação às sociedades mineiras. As licenças de exploração mineira devem também ser acessíveis às cooperativas dos garimpeiros. As cooperativas poderiam também ser interlocutores-chave junto das autoridades locais e nacionais nas acções de formalização.

Notas

- 1 Entrevista com um antigo garimpeiro de ouro em Agadez, Novembro de 2020.
- 2 Lucia Bird and Lyes Tagziria, Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa, GI-TOC, September 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/west-africa-illicit-hub-mapping/>.
- 3 Mark Micallef, Raouf Farrah, Alex Bish and Victor Tanner, After the storm: Organized crime across the Sahel–Sahara following upheaval in Libya and Mali, GI-TOC, 21 November 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/after-the-storm>.
- 4 Marcena Hunter, Beyond blood: Gold, conflict and criminality in West Africa, GI-TOC, November 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/gold-conflict-criminality-west-africa/>; Marcena Hunter, Pulling at golden webs: Combating criminal consortia in the African artisanal and small-scale gold mining and trade sector, ENACT: Enhancing Africa's Response to Transnational Organised Crime, 24 April 2019, <https://enactafrica.org/research/research-papers/pulling-at-golden-webs-combating-criminal-consortia-in-the-african-artisanal-and-small-scale-gold-mining-and-trade-sector>; International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, www.crisisgroup.org/africa/sahel/burkina-faso-mali-niger/repandre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central; Intergovernmental Forum on Mining, Minerals, Metals and Sustainable Development, Illicit financial flows and conflict in artisanal and small-scale gold mining: Burkina Faso, Mali, and Niger, 14 September 2022, <https://www.igfmining.org/resource/Illicit-financial-flows-and-conflict-in-artisanal-and-small-scale-gold-mining-burkina-faso-mali-and-niger/>.
- 5 United States Department of State, 2022 Trafficking in persons, www.state.gov/reports/2022-trafficking-in-persons-report/.
- 6 RFI, Tchad: des associations alertent sur le phénomène grandissant de la traite des personnes, 14 September 2021, www.rfi.fr/fr/afrique/20210914-tchad-des-associations-alertent-sur-le-ph%C3%A9nom%C3%A8ne-grandissant-de-la-traite-des-personnes.
- 7 Mark Micallef et al., Conflict, coping and COVID: Changing human smuggling and trafficking dynamics in North Africa and the Sahel in 2019 and 2020, GI-TOC, April 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/smuggling-trafficking-sahel-2020/>, p. 86.
- 8 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/afrique/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>; Raphaëlle Chevrillon-Guibert, Laurent Gagnol and Géraud Magrin, Les ruées vers l'or au Sahara et au nord du Sahel. Ferment de crise ou stabilisateur?, *Hérodote*, 2019/1:172, 193–215, <https://doi.org/10.3917/her.172.0193>.
- 9 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/afrique/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
- 10 Mark Micallef, Raouf Farrah, Alex Bish and Victor Tanner, After the storm: Organized crime across the Sahel–Sahara following upheaval in Libya and Mali, GI-TOC, 21 November 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/after-the-storm/>.
- 11 Mathieu Pellerin, Beyond the 'Wild West': The gold rush in northern Niger, Small Arms Survey, SANA briefing paper, June 2017, www.smallarmssurvey.org/resource/beyond-wild-west-gold-rush-northern-niger.
- 12 Conflict Armament Research, Investigating cross-border weapon transfers in the Sahel, 2016, <https://www.conflictarm.com/reports/investigating-cross-border-weapon-transfers-in-the-sahel/>
- 13 Emmanuel Grégoire and Marko Scholze, Identité, imaginaire et tourisme en pays touareg au Niger, *Via Tourism Review*, 2, 2012, <https://journals.openedition.org/viatourism/1102>.
- 14 Mark Micallef et al., The human conveyor belt broken: Assessing the collapse of the human-smuggling industry in Libya and the central Sahel, GI-TOC, April 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/the-human-conveyor-belt-broken-2/>.
- 15 France 24, Uranium-rich Niger struggles despite nuclear resurgence, 29 November 2022, <https://www.france24.com/en/live-news/20221129-uranium-rich-niger-struggles-despite-nuclear-resurgence>.
- 16 Reuters, Areva/Niger-La production d'Imouraren ne débutera pas avant 2015, 17 March 2013, <https://www.reuters.com/article/areva-niger-imouraren-idFRL6N0BZ1HR20130307>.
- 17 RFI, Niger uranium mine closure: Hundreds of jobs cut, concerns for environment, 15 March 2021, <https://www.rfi.fr/en/afrique/20210315-niger-uranium-mine-closure-arlit-cominak-hundreds-of-jobs-cut-concerns-for-environment-africa-economy-orano>; interview with a former director of SOPAMIN, March 2023.
- 18 Mark Micallef, Raouf Farrah, Alex Bish and Victor Tanner, After the storm: Organized crime across the Sahel–Sahara following upheaval in Libya and Mali, GI-TOC, 21 November 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/after-the-storm/>.
- 19 Peter Tinti, Whose crime is it anyway? Organized crime and international stabilization efforts in Mali, GI-TOC, February 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/organized-crime-stabilization-mali/>.
- 20 Flore Berger, Locked Horns: Cattle rustling and Mali's war economy, GI-TOC, March 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/cattle-rustling-mali-war-economy/>.
- 21 Peter Tinti, Whose crime is it anyway? Organized crime and international stabilization efforts in Mali, GI-TOC, February 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/organized-crime-stabilization-mali/>.
- 22 Emmanuel Grégoire and Laurent Gagnol, Ruées vers l'or au Sahara: l'orpillage dans le désert du Ténéré et le massif de l'Aïr (Niger), *EchoGéo*, 19 May 2017, <https://journals.openedition.org/echogeo/14933>.
- 23 Ibid.
- 24 ITIE, *Rapport 2020: Dispositif national de mise en oeuvre de l'Initiative pour la transparence des industries extractives au Niger (DN/ITIE-Niger)*, December 2022, <https://itieniger.ne/rapports-ditie/>.
- 25 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 26 Entrevista com Abdoukader Afane, Janeiro de 2023.
- 27 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de

- la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 28 Entrevistas com Rhoumour Tchilouta e Abdoukader Afane, Março de 2023.
 - 29 Data as of 31 December 2021. Metals Focus and World Gold Council, Global mine production, <https://www.gold.org/goldhub/data/gold-production-by-country>.
 - 30 Marie-Pierre Olphand, Orpaillage: les pratiques chinoises en question au Mali, *RFI*, 18 November 2021, www.rfi.fr/fr/podcasts/chronique-des-mati%C3%A8res-premi%C3%A8res/20211117-orpaillage-les-pratiques-chinoises-en-question-au-mali.
 - 31 Olivier Dubois, Mali: Kidal dans la fièvre de l'or, *Le Point*, 13 April 2019, www.lepoint.fr/economie/mali-kidal-dans-la-fievre-de-l-or-2--13-04-2019-2307462_28.php; Raphaëlle Chevillon-Guibert, Laurent Gagnol and Géraud Magrin, Les ruées vers l'or au Sahara et au nord du Sahel: Ferment de crise ou stabilisateur?, *Hérodote*, 172, 2019, 193–215, <https://doi.org/10.3917/her.172.0193>.
 - 32 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
 - 33 Laurent Gagnol and Abdoukader Afane, De sable, d'or et de mercure: Note sur la production urbaine contrastée de la ruée vers l'or au Sahara, *Afrique contemporaine*, 1–2 (No. 269-270), 2019, 225–248, <https://doi.org/10.3917/afco.269.0225>.
 - 34 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
 - 35 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
 - 36 Mathieu Pellerin, Beyond the 'Wild West': The gold rush in northern Niger, Small Arms Survey, SANA briefing paper, June 2017, www.smallarmssurvey.org/resource/beyond-wild-west-gold-rush-northern-niger; Jérôme Tubiana and Claudio Gramizzi, Tubu trouble: State and statelessness in the Chad–Sudan–Libya triangle, HSBA Working Paper 43, Small Arms Survey, June 2017, <https://www.smallarmssurvey.org/resource/tubu-trouble-state-and-statelessness-chad-sudan-libya-triangle-hsba-working-paper-43>.
 - 37 RFI, *Tchad: après les affrontements de Kouri Bougoudi, Mahamat Idriss Deby annonce des mesures*, 10 June 2022, www.rfi.fr/fr/afrique/20220610-tchad-apr%C3%A8s-les-affrontements-de-kouri-bougoudi-mahamat-idriss-deby-annonce-des-mesures.
 - 38 Amarana Maiga, Mali: affrontements sanglants entre deux villages pour le contrôle d'un site d'orpaillage, Anadolu Agency, 12 January 2023, www.aa.com.tr/fr/afrique/mali-affrontements-sanglants-entre-deux-villages-pour-le-contr%C3%B4le-dun-site-dorpaillage/2786356.
 - 39 Entrevista com um garimpeiro de ouro em N'Tahaka, Agosto de 2022.
 - 40 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
 - 41 Mathieu Pellerin, Beyond the 'Wild West': The gold rush in northern Niger, Small Arms Survey, SANA briefing paper, June 2017, www.smallarmssurvey.org/resource/beyond-wild-west-gold-rush-northern-niger.
 - 42 Mark Micallef et al., Conflict, coping and COVID: Changing human smuggling and trafficking dynamics in North Africa and the Sahel in 2019 and 2020, GI-TOC, April 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/smuggling-trafficking-sahel-2020/>.
 - 43 Alexandre Bish, Soldiers of fortune: The future of Chadian fighters after the Libyan ceasefire, GI-TOC, December 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/chadian-fighters-libyan-ceasefire/>.
 - 44 Aïr-Info Agadez, Axe Agadez-Dirkou: des bandits armés attaquent un convoi de la Garde nationale escortant de l'or, Facebook post, 30 January 2022, <https://www.facebook.com/PAirInfoAgadez/photos/a.1065483263536968/4801167979968459/>.
 - 45 Aïr-Info Agadez, Agadez/Tchibarakaten: des individus lourdement armés attaquent un convoi d'orpailleurs, Facebook post, 23 August 2022, <https://www.facebook.com/PAirInfoAgadez/photos/a.1065483263536968/5381889348562983/>.
 - 46 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
 - 47 Entrevista remota com um contacto em Tchibarakaten, Outubro de 2022.
 - 48 Entrevista com Hamidou Diallo, Lagos, Nigéria, Dezembro de 2022.
 - 49 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
 - 50 Marcena Hunter, Beyond blood: Gold, conflict and criminality in West Africa, GI-TOC, November 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/gold-conflict-criminality-west-africa/>.
 - 51 Marcena Hunter, Beyond blood: Gold, conflict and criminality in West Africa, GI-TOC, November 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/gold-conflict-criminality-west-africa/>.
 - 52 Entrevista telefónica com Abdoukader Afane, Janeiro de 2023.
 - 53 International Crisis Group, Getting a grip on central Sahel's gold rush, Report 282, 13 November 2019, <https://www.crisisgroup.org/fr/africa/sahel/burkina-faso/282-reprendre-en-main-la-ruée-vers-lor-au-sahel-central>.
 - 54 Sam Mednick, Growth in Burkina Faso gold mining fuels human trafficking, *AP News*, 30 April 2021, <https://apnews.com/article/africa-west-africa-united-nations-human-trafficking-burkina-faso-0da342d2707fbeb531e96d36d3e1d4df>.
 - 55 Jeune Afrique, Mali: au moins 20 000 enfants exploités dans des mines d'or toxiques, 7 December 2011, www.jeuneafrique.com/178219/societe/mali-au-moins-20-000-enfants-exploite-s-dans-des-mines-d-or-toxiques/.
 - 56 Conselho de Segurança das Nações Unidas, Carta datada de 3 de Agosto de 2022, do Painel de Peritos sobre o Mali, criado nos termos da Resolução 2374 (2017), dirigida ao Presidente do Conselho de Segurança, UNDOC S/2022/595, CSNU, p. 24, [111].

- 57 Lucia Bird and Tuesday Reitano, Trafficking in persons in conflict contexts: What is a realistic response from Africa?, ENACT, June 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/trafficking-in-persons-in-conflict-contexts/>, p. 5.
- 58 Lucia Bird and Tuesday Reitano, Trafficking in persons in conflict contexts: What is a realistic response from Africa?, ENACT, June 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/trafficking-in-persons-in-conflict-contexts/>, p. 5.
- 59 United States Department of State, 2022 Trafficking in Persons Reports, www.state.gov/reports/2022-trafficking-in-persons-report/.
- 60 Alice Fereday, Chad: Political crisis significantly disrupts human smuggling, GI-TOC, June 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/human-smuggling-trafficking-ecosystems-north-africa-sahel/>.
- 61 Alexandre Bish, Soldiers of fortune: The future of Chadian fighters after the Libyan ceasefire, GI-TOC, December 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/chadian-fighters-libyan-ceasefire/>.
- 62 Entrevistas com potenciais garimpeiros de ouro em Abéché, Chade, Fevereiro de 2021.
- 63 Ibid.
- 64 Entrevistas com garimpeiros em Abéché, Chade, 2021.
- 65 Entrevistas com antigos e potenciais garimpeiros de ouro em Abéché, Chade, Fevereiro de 2021.
- 66 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 67 Abdoukader Afane and Laurent Gagnol, Une ruée vers l'or contemporaine au Sahara: l'extractivisme aurifère informel au nord du Niger, *Vertigo*, 20:3, December 2020, <https://journals.openedition.org/vertigo/29044>.
- 68 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 69 Mathieu Pellerin, Beyond the 'Wild West': The gold rush in northern Niger, Small Arms Survey, SANA briefing paper, June 2017, www.smallarmssurvey.org/resource/beyond-wild-west-gold-rush-northern-niger; Mark Micallef, Raouf Farrah, Alex Bish and Victor Tanner, After the storm: Organized crime across the Sahel–Sahara following upheaval in Libya and Mali, GI-TOC, 21 November 2019, <https://www.smallarmssurvey.org/resource/beyond-wild-west-gold-rush-northern-niger>.
- 70 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
- 71 Mark Micallef, Raouf Farrah, Alex Bish and Victor Tanner, After the storm: Organized crime across the Sahel–Sahara following upheaval in Libya and Mali, GI-TOC, 21 November 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/after-the-storm/>.
- 72 Mark Micallef et al., Conflict, coping and COVID: Changing human smuggling and trafficking dynamics in North Africa and the Sahel in 2019 and 2020, GI-TOC, April 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/smuggling-trafficking-sahel-2020/>.
- 73 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>; Luca Raineri, Gold mining in the Sahara–Sahel: The political geography of state-making and unmaking, *International Spectator*, 55:4, 2020, 100–117, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03932729.2020.1833475>.
- 74 Mark Micallef et al., Conflict, coping and COVID: Changing human smuggling and trafficking dynamics in North Africa and the Sahel in 2019 and 2020, GI-TOC, April 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/smuggling-trafficking-sahel-2020/>.
- 75 Entrevista com o chefe de cantão de Djado, Chirfa, Julho de 2022.
- 76 Entrevista com Abdoukader Afane, Janeiro de 2023.
- 77 See Nigerien armed forces weekly operations bulletins. For example, in early December 2022, a vehicle transporting 18 gold miners from Chad to Djado was intercepted. Forces Armées Nigériennes, BULLETIN DES #OPÉRATION N°0032 /2022 #FAN, 6 December 2022, <https://twitter.com/ArmeesNiger/status/1601249821943562240>.
- 78 Mark Micallef et al., Conflict, coping and COVID: Changing human smuggling and trafficking dynamics in North Africa and the Sahel in 2019 and 2020, GI-TOC, April 2021, <https://globalinitiative.net/analysis/smuggling-trafficking-sahel-2020/>.
- 79 Alice Fereday, Niger: Routes shift amid post-COVID increase in human smuggling, GI-TOC, June 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/human-smuggling-trafficking-ecosystems-north-africa-sahel/>.
- 80 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 81 Ibid.
- 82 International Organization for Migration, *Niger – Etude sur la migration interne autour des mines d'or dans la région d'Agadez*, December 2021, <https://dtm.iom.int/reports/niger-etude-sur-la-migration-interne-autour-des-mines-dor-dans-la-region-dagadez-8-22>.
- 83 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
- 84 Raouf Farrah, Algeria's migration dilemma: Migration and human smuggling in southern Algeria, GI-TOC, December 2020, <https://globalinitiative.net/analysis/algerias-migration-dilemma/>; Rémi Carayol and Laurent Gagnol, Ces murs de sable qui surgissent au Sahara, *Le Monde Diplomatique*, October 2021, www.monde-diplomatique.fr/2021/10/CARAYOL/63629.
- 85 Emmanuel Grégoire and Laurent Gagnol, Ruées vers l'or au Sahara: l'orpaillage dans le désert du Ténéré et le massif de l'Aïr (Niger), *EchoGéo, Sur le Vif*, 19 May 2017, <https://journals.openedition.org/echogeo/14933>.
- 86 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 87 Entrevista com o antigo presidente da câmara de Iferouane, Julho de 2022.
- 88 Entrevistas em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 89 Ibid.

- 90 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
- 91 Ibid.
- 92 Entrevistas em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 93 Embora a designação de um chefe de aldeia tivesse de ser precedida de um decreto do ministro do interior que instituisse a vila como aldeia administrativa. Ver Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <https://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 94 Entrevistas com garimpeiros de ouro e actores do sector da segurança em N'Tahaka, Agosto de 2022.
- 95 Entrevista com garimpeiro em N'Tahaka, Agosto de 2022; see also Paul Lorgerie, Au Mali, la ruée risquée vers l'or d'Intahaka, *Ouest France*, 4 December 2020, <https://www.ouest-france.fr/monde/mali/au-mali-la-ruée-risquée-vers-l-or-d-intahaka-7072628>; Caroline Dumay, Du Sahel à Dubaï: les routes de l'or sale, *Reporters France* 24, 15 July 2022, https://www.france24.com/fr/%C3%A9missions/reporters/20220715-du-sahel-%C3%A0-duba%C3%AF-les-routes-de-l-or-sale?fbclid=IwAR2KUR-YN4R5oRLlcKlkrRjSVP6yrCwUhO9H0wxCtmGB4LNaBOw8cuqhB3c&ref=fb_i..
- 96 Fatma Bendhaou, Mali: Les mouvements armés du nord créent le 'Cadre stratégique permanent', Agence Anadolu, 6 May 2021, www.aa.com.tr/fr/afrique/mali-les-mouvements-arm%C3%A9s-du-nord-cr%C3%A9ent-le-cadre-strat%C3%A9gique-permanent/2231813.
- 97 Entrevista com um membro do CSP em N'Tahaka, Agosto de 2022.
- 98 Entrevista com garimpeiro de ouro em N'Tahaka, Agosto de 2022.
- 99 Jeune Afrique, Mali: les raisons de l'offensive de l'EIGS dans la région de Ménaka, 5 April 2022, <https://www.jeuneafrique.com/1335594/politique/mali-les-raisons-de-loffensive-de-leigs-dans-la-region-de-menaka/>.
- 100 Entrevista com investigador canadiano, Fevereiro de 2023.
- 101 Paul Lorgerie, Au Mali, Au Mali, la ruée risquée vers l'or d'Intahaka, *Ouest France*, 4 December 2020, <https://www.ouest-france.fr/monde/mali/au-mali-la-ruée-risquée-vers-l-or-d-intahaka-7072628>.
- 102 Lassaad Ben Ahmed, Mali: 7 combattants de la CMA assassinés à Intahaka, Anadolu Agency, 6 December 2021, www.aa.com.tr/fr/afrique/mali-7-combattants-de-la-cma-assassin%C3%A9s-%C3%A0-intahaka/2440246; Salihou Maïga, #Mali: communiqué de l'état major général des armées sur l'attaque, ce matin, des troupes basées à #Intahaka dans la région dans la région de #Gao, Twitter post, 7 March 2022, https://twitter.com/Salih_Maig/status/1500813709303762944.
- 103 Human Rights Watch, Mali: Coordinated massacres by Islamist armed groups, 27 October 2022, <https://www.hrw.org/news/2022/10/27/mali-coordinated-massacres-islamist-armed-groups>.
- 104 France 24, Mali unrest: Local sources say nearly 1,000 civilians killed since March, 12 September 2022, <https://www.france24.com/en/video/20220912-mali-unrest-local-sources-say-nearly-1-000-civilians-killed-since-march>.
- 105 Cheick Bougounta Cissé, Régions de Gao et Ménaka: Plus d'une dizaine de civils tués en moins de 24 heures par l'Etat islamique, *Mali Actu*, 4 August 2022, <https://maliactu.net/regions-de-gao-et-menaka-plus-dune-dizaine-de-civils-tues-en-moins-de-24-heures-par-letat-islamique/>.
- 106 Entrevista com elemento do CSP, N'Tahaka, Agosto 2022.
- 107 Peter Tinti, Whose crime is it anyway? Organized crime and international stabilization efforts in Mali, GI-TOC, February 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/organized-crime-stabilization-mali/>.
- 108 Entrevistas com mineiros de ouro em N'Tahaka, Agosto de 2022.
- 109 Entrevista com antigo garimpeiro de ouro em N'Abaw, Agosto de 2022.
- 110 Entrevistas com garimpeiros e membros do JNIM em N'Tahaka, Agosto de 2022; see also Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm>.
- 111 Lucia Bird and Tuesday Reitano, Trafficking in persons in conflict contexts: What is a realistic response from Africa?, ENACT, June 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/trafficking-in-persons-in-conflict-contexts/>.
- 112 Protocol to prevent, suppress and punish trafficking in persons especially women and children, supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime, United Nations, New York, 15 November 2000, Treaty Series, vol. 2237, p. 319; Doc. A/55/383, Article 3, https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=ind&mtdsg_no=XVIII-12-a&chapter=18&clang=_en.
- 113 Para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto, ver Lucia Bird and Tuesday Reitano, Trafficking in persons in conflict contexts: What is a realistic response from Africa?, ENACT, June 2019, <https://globalinitiative.net/analysis/trafficking-in-persons-in-conflict-contexts/>.
- 114 International Labour Organization, The meanings of forced labour, 10 March 2014, www.ilo.org/global/topics/forced-labour/news/WCMS_237569/lang--en/index.htm.
- 115 Entrevista com antigo garimpeiro de ouro em Agadez, Novembro de 2020.
- 116 Entrevista com garimpeiro de ouro em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 117 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 118 Entrevista com garimpeiro de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 119 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado e Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 120 Entrevista com supervisor de equipa em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 121 Entrevista com garimpeiro de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 122 Outros locais de extracção de ouro na região de Agadez, no Níger, estão localizados relativamente perto de grandes povoações, como as de Tabelot, a 120 quilómetros de Agadez.
- 123 Entrevista com mineiro de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 124 Ibid.
- 125 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado e Tchibarakaten, Níger, e N'Tahaka e N'Abaw (virtual), Mali, Julho e Agosto de 2022.

- 126 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado e Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 127 Entrevista com Rhoumour Ahmet Tchilouta, Julho de 2022.
- 128 Ibid.; entrevistas com garimpeiros de ouro em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 129 Entrevista com garimpeiro de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 130 Entrevistas com garimpeiro de ouro em N'Tahaka, Agosto de 2022.
- 131 Ibid.
- 132 Ibid.
- 133 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado e Tchibarakaten, e N'Tahaka Julho de 2022.
- 134 Entrevistas com profissional de ouro em Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 135 Entrevista com de saúde, Julho de 2022.
- 136 Entrevista com Rhoumour Ahmet Tchilouta, Julho de 2022.
- 137 Laurent Gagnol, Rhoumour Ahmet Tchilouta and Abdoukader Afane, Enjeux territoriaux et éthiques de la régulation de la ruée vers l'or au nord du Niger, *Revue internationale des études du développement*, 249, 2022, 2 September 2022, <http://journals.openedition.org/ried/1123>.
- 138 Luca Raineri, Gold mining in the Sahara–Sahel: The political geography of state-making and unmaking, *International Spectator*, 55:4, 2020, 100–117, <https://www.facebook.com/watch/?v=686834422787968>.
- 139 Declarações do ministro de Minas em novembro de 2022, Présidence de la République du Niger, [Tchibarakaten], *petite oasis située à la frontière Nigero algérienne (450km d'Arlit), et centre par excellence d'orpaillage depuis 2014, a été l'objet d'une visite de travail de la Ministre des Mines*, Facebook post, 14 November 2022, <https://www.facebook.com/watch/?v=686834422787968>.
- 140 Entrevista com Abdoukader Afane, Janeiro de 2023.
- 141 Entrevista com Laurent Gagnol, Dezembro 2022.
- 142 Entrevistas com garimpeiros de ouro em Djado, Julho de 2022.
- 143 Emmanuel Grégoire and Laurent Gagnol, Ruées vers l'or au Sahara: l'orpaillage dans le désert du Ténéré et le massif de l'Air (Niger), *EchoGéo, Sur le Vif*, 19 May 2017, <https://journals.openedition.org/echogeo/14933>.
- 144 A maioria dos entrevistados nunca tinha ouvido falar da ORSASO, incluindo membros de alto nível do Comité de Gestão em Tchibarakaten e um antigo administrador da SOPAMIN.
- 145 Decree No. 2017-628/PRN/MM of 20 June 2017 amending and supplementing Decree No. 2006-265/PRN/MM/E of 18 August 2006 laying down the terms and conditions for the application of the Mining Law, article 46, https://www.service-public.ne/sites/default/files/2020-12/arretes.ordonnance%20ministere%20mine_0.pdf.
- 146 Entrevista com um antigo administrador da SOPAMIN, Março de 2023.
- 147 Entrevista com o vice-presidente do Comité de Gestão Tchibarakaten, Julho de 2022; entrevista com o secretário-geral do Comité de Gestão Tchibarakaten, Janeiro de 2023.
- 148 Perspectivas partilhadas pelos participantes durante o workshop de validação em Lagos, Nigéria, Dezembro de 2022.
- 149 Entrevista com um membro da unidade de gendarmaria de Tchibarakaten, Julho de 2022.
- 150 Entrevista com Rhoumour Ahmet Tchilouta, July 2022.
- 151 Perspectivas partilhadas pelos participantes durante o workshop de validação em Lagos, Nigéria, Dezembro de 2022.
- 152 Laurent Gagnol and Rhoumour Ahmet Tchilouta, L'orpaillage au Sahara: un défi pour la stabilité des États, *Politique étrangère*, 2021, 187–200, <https://www.cairn.info/revue-politique-etrangere-2021-4-page-187.htm?ref=doi>.
- 153 Julia Stanyard, Thierry Vircoulon and Julian Rademeyer, The grey zone: Russia's military, mercenary and criminal engagement in Africa, *GI-TOC*, February 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/russia-in-africa/>.
- 154 Perspectivas partilhadas pelos participantes durante o workshop de validação em Lagos, Nigéria, Dezembro de 2022; see also Laurent Gagnol, Géraud Magrin and Raphaëlle Chevrillon-Guibert, Chami, ville nouvelle et ville de l'or. Une trajectoire urbaine insolite en Mauritanie, *L'Espace Politique*, 38:2, 2019, <https://doi.org/10.4000/espacepolitique.6562>.



Créditos das imagens	Página
Rhoumour Ahmet Tchilouta.....	Capa
GI-TOC	4
GI-TOC	7
GI-TOC	10
Rhoumour Ahmet Tchilouta.....	13
GI-TOC	15
Rhoumour Ahmet Tchilouta.....	19
Rhoumour Ahmet Tchilouta.....	21
GI-TOC	25

Esta publicação é co-financiada por



EUROPEAN UNION



Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia e do Gabinete Federal dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da autora e não reflecte necessariamente as opiniões da União Europeia ou do Ministério Federal das Relações Exteriores da Alemanha.

Sobre a autora

Alice Fereday é Analista Sénior junto da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional (GI-TOC, na sigla inglesa). O seu trabalho de investigação abarca as economias ilícitas e a dinâmica do crime organizado no Sahel, com destaque para a dinâmica do tráfico de seres humanos e da introdução clandestina de migrantes no Níger e no Chade. Formou-se pela City University London, Université Panthéon Sorbonne e Université Paris Dauphine.

Agradecimentos

A autora quer agradecer a todos os que contribuíram para esta trabalho de investigação. Em particular, os nossos sinceros agradecimentos a todos os que levaram a cabo a recolha de dados e o trabalho de campo no Níger e no Mali, pelo seu excelente trabalho na disponibilização de dados actualizados, matizados e granulares, sem os quais o presente relatório não teria sido possível. Entre estes, contam-se Rhoumour Ahmet Tchilouta, o BSECA e vários outros investigadores de valor que não podem ser aqui mencionados por razões de segurança e confidencialidade. A autora também agradece aos especialistas e investigadores que partilharam os seus conhecimentos com respeito à MAPEO e àqueles que gentilmente aceitaram rever o relatório, incluindo Flore Berger, Laurent Gagnol, Livia Wagner e Marcena Hunter, entre outros. Finalmente, a autora dirige um agradecimento especial a Tasnim Abderrahim pela sua ajuda na investigação preliminar, e a Lucia Bird, Matt Herbert e Mark Micallef, pelo seu apoio e linhas de orientação no projecto.



OCWAR-T

Crime Organizado: A Resposta da África Ocidental ao Tráfico

Coordenado por

giz Deutsche Gesellschaft
für Internationale
Zusammenarbeit (GIZ) GmbH

Implementado por

ISS INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SEGURANÇA

**GLOBAL
INITIATIVE**
AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME